

NÃO SE CASA

... sem uma boa preparação

Use os melhores livros de apoio

**PARA OS AGENTES
DA PREPARAÇÃO AO CASAMENTO**

o assunto é
Casamento

PARA OS QUE SE CASAM

Amor e
Casamento

PEDIDOS À LIVRARIA DO MFC
RUA ESPÍRITO SANTO, 1059 / 714
30160-922 • BELO HORIZONTE • MG
TEL.: (0***31) 3273-8842

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO



Terror

Editorial analisa as opções políticas frente aos atentados que estacceram o mundo, 2

Dá-me de beber

Ivone Gebara relata com emoção e sensibilidade o drama da falta de água no Nordeste, 4

Orgulho e vergonha

Cristovam Buarque mostra a exploração do trabalho infantil no Brasil, 8

O pudim

Helio e Selma Amorim contam o que foi a festa dos pobres depois do incêndio, 12

Uma nova visão de Deus

Marcelo Barros nos traz a perplexidade das guerras em nome de Deus, 15

Solidariedade

Rubem Alves nos fala com delicadeza dessa virtude que não se cria com discursos, 17

Ter razão e ser casado

Deonira La Rosa traça com muita lucidez os caminhos para uma convivência humanizadora e feliz no casamento, 21

Mutações

Frei Betto comenta com aguda percepção as profundas mudanças no mundo atual, 24

Os radicais

Pe. Zezinho também mostra a sua perplexidade com as guerras religiosas, 26

Sexualidade, a festa do amor

Retorna o tema eterno, agora em...
Helio Amorim, 34

48

Maquiagem e magia

Editorial não deixa esquecer o golpe dos pesos e medidas das mercadorias, 42

Barrigas e umbigos

Vem à baila o problema da gravidez de adolescentes, 53

Pobres perigosamente perigosos

Pedro Vasconcellos e Rafael Silva recorre a história da discriminação dos pobres no Brasil, 56

O sonho de Jesus

Justino Pérez fala do sonho do Reino de Deus, anunciado por Jesus, 66

Água

Paulo Rocha alerta para a escassez de água que já se anuncia, 70

Viver com dignidade

Miguel Elias pergunta se está sendo respeitada de fato a dignidade humana

Dinâmicas de grupo

Prossegue a apresentação de dinâmicas interessantes por Maria Sílvia Crusol

... e muito mais.

fato
e razão

edição MFC
Movimento Familiar Cristão
Conselho Diretor Nacional

Assessora (Sebá) Leão
Graça e Ma. do Carmo Silva
Márcia e Mara Souza
Edmundo e Ivonete Borges
Silvana e Ma. Thereza Silva
Carlos Alberto e Ma. Nilza Mendes
Julia e Elana Prior
Geraldo Rizzo e Ineusa Bomeisel
Mário Aparecido Eduardo
Silvana e Hermínia Mariano
Wanda Leão
Jorge Carlos e Rita Martins

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBAF
Instituto Brasileiro da Família

Capa

"A Paz"

Distribuição e
Correspondência

Editora do MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 714
Tel. (031) 3273-8842
3260-922 Belo Horizonte - MG

data desta edição:
Setembro 2001.

Sumário

- Terror, 2 - Editorial
Dá-me de beber, 4 - Ivone Gebara
Orgulho da vergonha, 8 - Cristovam Buarque
O pudim, 12 - Helio e Selma Amorim
Uma nova visão de Deus, 15 - Marcelo Barros
Solidariedade, 17 - Rubem Alves
De encontro a... ao encontro de? 20 - Sueli Carneiro
Ter razão e ser casado, 21 - Deonira L. V. La Rosa
Mutações, 24 - Frei Betto
Os radicais, 26 - Pe. Zezinho
Mulheres e homens, 28 - Marcelo Barros
Dez desafios à família nesta década, 30
Equipe de Redação
Poema, 33 - Beatriz Reis
Sexualidade - a festa do amor, 34 - Helio Amorim
Mistérios do Egito antigo, 39 - Rubem Alves
Maquiagem e magia, 42 - Editorial
Foto, fato e razão, 45
No caldeirão de mentiras, a busca da verdade, 46
Marcelo Barros
Não fique assim tão sério, 48
Ser cristão não é simplesmente... 50 - Victor C.
Barrigas e umbigos, 53 - Helio e Selma Amorim
Pobres perigosamente perigosos, 56
Pedro Vasconcellos e Rafael R. da Silva
Torcidas que dividem, 58 - Marcelo Barros
Teste de Einstein, 60
Escolha sempre o melhor, 61
O lixo, 63 - Rubem Alves
O sonho de Jesus, 66 - Justino Martinez Perez
Cartunistas, 69
Água, 70 - Paulo Rocha
Viver com dignidade, 72 - Miguel Elias
Dinâmicas de grupo, 74 - Maria Sílvia Crusol
A guerra dos órgãos, 76
O gosto de trabalhar de graça, 78 - Marcelo Barros
Eu creio, 80 - Lúcio Henrique de Oliveira

Terror

Editorial

Do perverso holocausto dos judeus pelos nazistas, da insana destruição e morte na Segunda Guerra Mundial e sua desnecessária apoteose em Hiroshima e Nagasaki, até este estúpido atentado contra os Estados Unidos, temos chorado, em pouco mais de meio século, por milhões de vítimas indefesas de decisões políticas, militares e paramilitares criminosas, tantas vezes mal temperadas por preconceitos e ódios entre etnias e religiões.

Lágrimas nossas rolaram pelas guerras de extermínio entre nações e tantas guerras internas que não terminam, para gozo macabro da poderosa e bilionária indústria bélica. Sofremos com a visão de centenas de milhares de velhos e crianças sem pernas, porque pisam todos os dias nos nove milhões de minas enterradas

no Afeganistão e o dobro desse número em Angola.

Nunca acreditaremos nos chamados bombardeios "criminosos" de mísseis que só atingem alvos militares, nos limpos e pictóricos noticiários de TV que filtram o que não devemos ver. A cada clarão do horizonte noturno, ouvimos vozes desesperadas não transmitidas. Então, diante do último episódio de brutalidade nos perguntamos o que leva homens finamente educados em universidades, a planejar longamente e executar com incrível precisão atentados suicidas de um tamanho e efeito, com requintes simbólicos que falam por si, na escolha dos alvos. Por que tal ato contra uma nação tão rica e poderosa?

Talvez seja essa a explicação do ato injustificável. A riqueza e o poder têm levado aquele país a exibir com freqüência posturas de arrogância e prepotência agressivas, sendo visto pelos agredidos como uma espécie de xerife autonomeado do planeta. Tamanha é seu poder econômico e bélico que não há defesa possível, por ações bélicas convencionais, aos atores que se decidem em seus gabinetes políticos.

A antipatia de muitos contra o alvo poderoso se torna revolta, alguns e ódio profundo de poucos. São esses poucos que, alimentados por crenças e convicções que misturam fanatismo político e fundamentalismo religioso, se dispõem a morrer para vingar humilhações. O ato terrorista se oferece como única alternativa de reação, perversa e insana, contra o poder e a prepotência do inimigo.

Chamas. Informe da Secretaria de Desenvolvimento Social da cidade do Rio de Janeiro, divulgado recentemente, revela que mais de 3 mil crianças, entre 7 e 14 anos, são utilizadas no tráfico de drogas, prostituição e outras atividades ilícitas.



Se vale sonhar, desejamos que os bilhões de dólares já destinados a uma guerra sem inimigos ostensivos se transformem em alimentos e medicamentos para minorar o sofrimento dos países miseráveis e em programas vigorosos de paz e cooperação. Desencadeariam uma onda bonita e irresistível de simpatia e respeito pelo país rico que partilha sua riqueza e assim esvazia o ódio difuso gerador de destruição e morte.

Só quem já sentiu sede sem ter água para beber, conhece o sentido desta frase. As outras pessoas, as que têm água abundante, as que podem desperdiçar, as que nunca precisam pensar se a água chegará hoje, não conhecem seu verdadeiro significado.

Dá-me de beber

Quem nunca sentiu a sede de água viva não sabe o que é ser obrigado a beber água morta, água que mata, água que trava na boca, água de lama, água grossa, água salobra, água de barro, água podre. Quem nunca chegou cansado e suado do trabalho braçal e, ansiando por água, teve que ficar sem uma gota nem mesmo para molhar a palma da mão, não sabe o que é ter de lutar necessidade de água. Quem nunca viu seu bebê chorando por falta de banho, cheio de assadura e brotoeja não sabe que água é vida.

Nordeste, terra de muitas águas! Nordeste, terra de muitas secas! A contradição nos habita. A corrupção nos corói. O coronelismo nos assusta. O catolicismo nos consola. A coragem nos alimenta. A cova de sete palmos nos espera.

UMA HISTÓRIA: QUASE ÁGUA, SEM ÁGUA

Eu estava no interior de Sergipe passando alguns dias com um grupo de mulheres do campo. A falta de água era geral na região. Era uma epidemia de seca com todas as suas trágicas consequências.

Ouvi, desde a minha chegada, a boa-nova: Amanhã

chega o caminhão-pipa... Amanhã vai ter água... Se Deus quiser, amanhã a gente lava o corpo e a alma... O amanhã se anuncava como grande esperança, uma festa geral... O amanhã era o assunto de hoje... O hoje existia em função do amanhã.

O céu ainda estava estrelado e a lua brilhava intensa no céu quando vozes de mulheres se misturavam às vozes dos gritos e cigarras. Os cães começaram a assustados e eram discretamente repreendidos. Misturadas aos

anúncios das mulheres algumas vozes podiam ser ouvidas: calado, sem sol não acorde o povo, Campeão pare de latir, Valente! vá para casa, Donzela!

Mulheres organizavam a fila de cestas e latas. Era um samba sem ritmo nem cadência. Ia contorcendo à medida que as pessoas iam chegando. Toda a noite, muita gente inclusive jovens e casais se revezavam para 'tomar banho' dos vasilhames. Alguns poucos homens esperavam a água. Não é serviço de homem mesmo uma das mulheres...

Amanhã chega a água... Amanhã a gente lava a roupa, os dentes, toma um banho mais surrido, limpa melhor a casa, lava melhor os pratos... e, se der, a gente pode até aguar as plantas. Elas precisam de água como a gente.

Só Deus mesmo é que tem vontade de nós e manda o

caminhão-pipa... Chover não chove; as cacimbas estão vazias; o açude que prometeram não foi construído. O gado já morreu. Mas, Deus não abandona a gente, não. Amanhã a água vem e vem mesmo. Pode esperar.

Já é amanhã... o sol castiga os rostos morenos e sofridos; a fila indiana está longa e o caminhão não chega... Por onde andará o transportador de esperança, aquele que estancará a sede de tantas afiladas e afliitos? Por que demora tanto quando era anunciado para as primeiras horas do dia?

Ninguém perde o humor e nem a paciência... Ele vem, hoje é dia dele, o prefeito garantiu que hoje mesmo bem cedo ele ia chegar. Na semana passada ele atrasou, mas veio antes do sol se pôr. Na anterior não veio, pois dizem que o carro se quebrou. E hoje ele não pode fazer uma desfeita ao povo. Ele vai

chegar daqui a pouco... Vamos esperar com fé.

É a estrada que é danada... muito buraco, muita areia, muita poeira. Mas, ele vai chegar. Jesus não abandona a gente não.

As crianças de braço, quentes e inquietas começam a chorar... É hora do mingau, dizem as mães... Algumas maiores nem foram à escola "pro módi" de ajudar a mãe a carregar água e ficarem com os menores. Brincam felizes, tagarelam umas com as outras sem parar. O "pegador" é a brincadeira preferida. Correm umas atrás das outras, atropelam baldes e latas... rolam pelo chão... riem e gritam...

Cala a boca, menino! Você aí, pare de trelar... Pare de correr feito doido! Menina fique aqui que a gente perde o lugar da água! Vocês parecem sem cabeça, não vêem que água é coisa séria?

A espera intensa começa a provocar incidentes. De repente duas latas apareceram apertando as outras. Elas não estavam na fila. Quem as colocou não percebeu que a fila Indiana saía de seu rumo. Algumas mulheres se deram conta e reagiram. *De quem são essas latas?* Silêncio...

De quem é essa lata, Jesus do céu? Silêncio... Quem furou a fila, apareça? Silêncio... Então, algumas mulheres decididas a fazer justiça, resolveram pegar as latas intrometidas e colocá-las no final da fila. Depois de alguns minutos o dono apareceu. Vinha correndo e cabibaixo como se tivesse sido repreendido por alguém. Era um menino de dez ou doze anos, Zezinho, o neto de dona Amélia! Era ele que buscava água para a avó.

Foste tu, Zezinho, que furou a fila? Foste tu, infeliz de Deus? Responde menino! Por que não pediu para fica mais nós? Venha para cá infeliz. Tua avó está doente, suas latas, bote no meio das outras, mas de outra vez peça um lugar quando chegar atrasado. Não diga de esperteza que não fica bem entre vizinhos!

Zezinho não respondia, nem olhava para elas... Olhava para os próprios pés e para a terra seca. Obedeceu às ordens que agora eram claras. Pegou suas duas latas e foi para o meio da fila, em silêncio.

Ao meio dia, quando o sol escurecia a vista e esquentava as cabeças molhadas de suor, começou-se a ouvir ao longe a buzina do carro-pipa.

A animação recomeça. O mulherio se agita, as crianças acordam, se animam, correm de novo, chamam as mães que foram para casa... A água, mãe, a água.

Ele está chegando, comadre, venha, o caminhão-pipa está chegando. Tá vendo como Deus não falhal! É preciso sempre ter fé! Não adianta esmorecer e se lamentar. É preciso ter fé!

Já é possível avistar ao longe o caminhão-pipa vermelho de poeira. Ele vem se balançando e pingando água. Algumas crianças estão atrás recolhendo as gotas com as mãos e rindo de satisfação.

Chega o caminhão em frente ao depósito de água, uma espécie de piscina aberta. O motorista deposita em meio ao alvoroco que a água preciosa e se vai pela estrada de terra, balançando de novo a lataria velha.

A torneira do reservatório se abriu e em pouco tempo os baldes já se enchendo. Um pouco mais da metade dos baldes se encheu e já não havia mais água. Dessa vez a água veio pouco, gritavam as mulheres. Que tristeza! As lágrimas de muitas irromperam salgando mais o rosto coberto de suor.

É possível tanta seca! Será que o governo quer matar a gente de vez?

O que vamos fazer sem água, Deus do céu?

Algumas inconformadas rasparam panos limpos e saltaram dentro do depósito. Secavam o cimento do depósito e

tinham nos baldes. Qualquer gota é preciosa! Nada podia ser perdido. Recolheram um pouco de água no meio dos baldes e latas. O gesto era de trágico desespero. Era o único recurso para se ter um pouco de água.

Algumas mulheres dividiram a água que conseguiram com os outros e procuraram se consolar.

Ele chora não, comadre, para a

semana o caminhão vem de novo e vocês ficam na frente. Tenha fé, mulher! Deus vai dar um jeito...

Vamos falar com o prefeito que a água não deu. Ele tem que mandar dois caminhões e bem cheios. Este de hoje estava só na metade. E furado do jeito que estava foi derrubando muita água pelo caminho. O prefeito tem que ter piedade de nós. Não é época de eleição, mas ele vai ter que nos escutar e tomar providências.

Que sede, meu Deus!
Que sede! Que sede de água viva... Até quando viveremos nesta escravidão onde se rouba até a água da boca dos pequeninos?

* Religiosa, teóloga e escritora. Extraído do Boletim REDE.

origem da palavra sincera

A palavra sincera foi inventada pelos romanos. Eles fabricavam certos vasos de uma cera especial. Essa cera era, às vezes, tão pura e perfeita que os vasos se tornavam transparentes. Em alguns casos, chegava-se a se distinguir um objeto - um colar, uma pulseira ou um anel - que estivesse colocado no interior do vaso.

Para o vaso assim, fino e límpido, dizia o romano vaidoso:

"Como é lindo !!! Parece até que não tem cera !!!

"Cera" quer dizer "sem cera", uma qualidade de vaso perfeito, finíssimo, delicado, que

permite ver através de suas paredes da antiga cerâmica romana.

O vocabulário passou a ter um significado muito mais elevado. Sincero, é aquele que é franco, verdadeiro, que não oculta, que não usa disfarces, maledicências ou dissimulações.

O sincero, à semelhança do vaso, deixa ver através de suas palavras os nobres sentimentos de seu coração. Sincera é uma palavra doce e confiável, é uma palavra que canta. E essa é uma palavra que deveria estar no vocabulário de toda alma. (Malba Tahan)

"Verdadeiro amor nunca se esgota. Quanto mais se dá, mais se tem".

A Organização Internacional do Trabalho acaba de divulgar um relatório onde mostra que, em pleno século XXI, o Brasil ainda apresenta um quadro vergonhoso de trabalho infantil.

ORGULHO *da vergonha*

Cristovam Buarque

A ênfase dada por muitos analistas é de que esse número (7,7 milhões, em 1998) representa uma redução de 20% no número de crianças trabalhando em relação a 1992. Nesse ritmo, levaríamos trinta anos para erradicar o trabalho infantil. Mais tempo do que se passou entre os decretos da Lei do Ventre Livre e da Lei Áurea. E há quem comemore o avanço.

O que esse comportamento mostra é um desvio moral da elite brasileira: considerar estar cumprindo seu papel com as massas pobres do país, sempre que um passo qualquer é dado a favor dos mais pobres. Foi assim durante a escravidão.

Em 1871, quando o Brasil era um dos únicos países a tolerar, usar e explorar a escravidão, a aristocracia brasileira passou a se orgulhar diante do mundo pelo fato de ter uma lei que declarava livre o filho de um escravo.

Sem fazer alarde de que a liberdade só viria depois que ele

fizesse 21 anos, sob a condição de que trabalhasse como escravo até então e desde que nenhum de seus familiares tentasse fugir durante todo aquele longo período. Esse é o humanismo da elite brasileira — como passou a ser conhecido: "não para inglês ver".

Em 1885, mais uma lei humanista declarou livres os escravos que tivessem mais de 60 anos. Quando já não tinham mais força para trabalhar, depois de décadas submetidos à exploração, quando não tinham como se manter os donos dos escravos, humanitariamente, mandavam-nos para longe, tiravam-nos da lista dos que comiam as sobras da produção das fazendas.

É surpreendente que a Lei dos Sexagenários tenha vindo quando a própria escravidão já tinha sido abolida, em caráter unilateral, no Ceará. O mesmo Ceará onde hoje existe uma placa, na frente do aeroporto, dizendo que se orgulha de ter 93% de suas crianças



matriculadas em escolas, no lugar de dizer que sente vergonha por ter 7% fora da escola.

Essa é a história moral da elite brasileira, que agora se repete no caso do trabalho infantil. Negar que algo está melhorando é pouco inteligente, mas vangloriar-se diante do que falta fazer é muito indecente. Todo governo tem direito de dizer o que fez, mas tem a obrigação de pedir desculpas pelo que ainda falta fazer, mesmo que tenha feito muito e a falta não seja sua culpa.

O problema do trabalho infantil no século XXI, como o da escravidão no século XIX, não pode ser tratado como assunto de estatísticas, de avanços paulatinos. Tem que ser tratado como assunto da ética, com a necessidade de gestos radicais e imediatos. E eles são possíveis do ponto de vista técnico.

Difíceis do ponto de vista moral e mesmo emocional, porque a elite brasileira não sofre com a situação daquelas crianças — no máximo se preocupa com a imagem que passa para o resto do mundo. E age sempre de maneira incompleta, apenas para “enganar os ingleses”.

A escravidão só foi abolida 44 anos depois de os ingleses, também por interesses econômicos, tomarem medidas para dificultar o tráfico internacional de escravos. Cada gesto era tímido e visava “enganar os ingleses”. Mesmo o radical gesto da princesa Isabel carregou a hipocrisia e a timidez de libertar os escravos do trabalho sem lhes dar terras para trabalhar.

Agora, o Brasil desperta para o trabalho infantil depois de tantas denúncias e críticas internacionais

contra a forma como nosso país trata nossas crianças. É mais um gesto de defesa de imagem do que de construção da alma do Brasil, como se o errado não fosse ter crianças trabalhando, mas parecer existir. E, como há mais de cem anos, nos defendemos outra vez dizendo que as coisas estão melhorando.

A seguir o ritmo da redução entre 1992 e 1998, teremos acabado o trabalho infantil daqui a trinta anos, em 2031. Quase duas vezes mais tempo do que o decorrido entre a lei do Ventre Livre e a da Abolição. Ou seja, o Brasil piorou a marca da velocidade ao tentar “enganar os ingleses”, ficou mais insensível e mais cínico. Até eliminava lentamente a escravidão, para no final libertar os escravos sem dar-lhes a terra que precisavam para sobreviver, agora eliminam calmamente o trabalho infantil sem garantir a escola de qualidade que as crianças precisarão para sobreviver no mundo moderno.

Eliminar o trabalho infantil sem dar escola às crianças é o mesmo que abolir a escravidão sem dar terra aos escravos. Não basta.

O Brasil precisa ser radical nos assuntos de ética. Não basta colocar juiz na cadeia e cassar senador, para ser ético o Brasil precisa também colocar as crianças na escola e cassar a má qualidade da educação. Isso é possível, mas primeiro exige o sentimento da necessidade, o horror diante do atraso que demonstramos por conviver com essa forma contemporânea de escravidão, a vontade de usar os recursos dos

que já dispomos para atingir estes objetivos e a competência para subir fazê-lo.

Tudo isso pode nos chegar, mas o primeiro passo é deixar de se vangloriar com o pouco feito e olhar o muito por fazer. Felizmente a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, no lugar de chamar a imprensa para dizer que o Império já tinha avançado muito ao libertar os escravos que ainda não tinham nascido e aqueles que já estavam perto da morte.

► O trabalho infantil é explorado na nossa cidade?
► Se a lei proíbe, e nossos princípios condenam, qual o nosso dever de cidadãos que sabemos o que está acontecendo?
► O que se pode fazer para que toda criança em nossa cidade tenha condições de freqüentar escola e não ser explorada?

PARA ACABAR COM O TERRORISMO DE UMA VEZ POR TODAS...

Colaboração de Jorge Dantas

3 Bush

Propõe ao G-7 o seguinte:

- 1- A Inglaterra libera a Irlanda.
- 2- A França e a Espanha devolvem as terras dos bascos.
- 3- A Turquia e o Irã reconhecem os direitos dos curdos.
- 4- A Rússia liberta a Chechênia.
- 5- A China desocupa o Tibete.
- 6- Já que Israel é menor que Sergipe, os EUA podem doar terras e transferir o Estado de Israel, sem armas, para um local sem conflitos e sem terroristas. Um prazo de 5 anos é o bastante para construir e urbanizar uma área desse tamanho.
- 7- Reconhecer finalmente o Estado Palestino, com capital em Gaza. Os judeus que desejarem permanecer na região voltam à cidadania palestina como era antes da II Guerra.
- 8- Declarar Jerusalém como santuário mundial e cidade aberta sob administração da ONU.
- 9- O FMI e o BIRD devem reconsiderar ou cancelar as dívidas dos países pobres.
- 10- A OMS deve enviar medicamentos grátis para os aidéticos africanos.

Estas medidas acabam com a razão de ser do ETA, IRA, Hezbollah, Al Qaeda e todas as outras organizações terroristas.

Fazendo isso, o senhor pode tirar uma bela foto, abraçado com Gorbatchev e Mandela, entrando na galeria dos grandes homens deste planeta.

Um pavilhão do CEASA do Rio de Janeiro pegou fogo. Muito alimento perdido mas uma festa nos escombros calcinados. Porque muita comida escapou do incêndio do armazém, vizinho de algumas favelas em que vivem milhares daqueles 50 milhões de indigentes que a Fundação Getulio Vargas acaba de encontrar no Brasil.

O pudim

Helio e Selma Amorim

Uma das mais dramáticas fotos publicadas na imprensa mostra a "pilhagem" de alimentos disputados por uma multidão de pessoas que já nem se lembram da última vez que tiveram carne ou salsicha na mesa. A alegria se revela nas entrevistas.

Uma das vencedoras da disputa mostra eufórica uma lata de leite condensado e diz que vai fazer um pudim. Um pudim! Provavelmente já nem se lembra do gosto de pudim de leite Moça.

A saúde pública chegou tarde para tentar impedir o "saque". Avisava que os alimentos estavam

contaminados por ratos e teriam que ser queimados. De fato, houve intoxicações. Por culpa dos ratos ou de estômagos desacostumados a certos alimentos raros na casa dos pobres.

Recordamos uma antiga peça de teatro: "Revolução na América do Sul". O operário de salário mínimo passa todo o tempo faminto mas encontra um dia uma lata de goiabada. Perde a cabeça, come tudo e morre. É lida a certidão de óbito e registrada a "causa mortis": goiabada. O enterro acompanhado por famintos e estropiados é comovente.

Esse nível de miséria se revelava, no CEASA incendiado, por outro dado cruel que só a fome justifica: pobre roubando pobre. "Tinha conseguido presunto e queijo, mas na confusão me tiraram tudo", lamentava o menino, parte fraca na disputa. Veio gente de longe: "Logo que eu soube que

A multidão faz a festa depois do incêndio, na mina de ouro dos escombros de enlatados.

"busquei e vim pra cá", dizia dona Ana Gudim. "Pra nós essa tragédia acabou sendo boa. Afinal, se o céu não dá, Deus dá", explicou.

Finalmente 80 PMs acabaram com a festa. Mais de mil pobres foram afastados da mina de ouro, assustados por alguns tiros para o alto. No dia seguinte o contingente voltou para 20 policiais e a turba voltou. Uns 300 conseguiram ainda encontrar arroz e feijão, antes que a PM resolvesse fechar definitivamente o local para a destruição do que sobrou, por determinação das autoridades sanitárias.

Acari, o bairro da festa, tem o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que mede a qualidade de vida com base na renda familiar, na expectativa de vida, na taxa de alfabetização de maiores de 15 anos e na escolaridade média. Essa avaliação foi feita em parceria pelo PNUD das Nações Unidas, IPEA e Prefeitura. O IDH de Acari, o pior do Rio, é igual ao da paupérrima Argélia, na

África. A renda per capita dos moradores de lá é dezoito vezes menor que a da Lagoa, bairros separados por poucos quilômetros na mesma cidade.

No estudo da FGV os 50 milhões de indigentes são definidos como brasileiros que vivem com renda per capita menor que 80 reais por mês, não consomem o mínimo de calorias estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e já se esqueceram ou jamais conhecem o gosto de um pudim de leite condensado. Os economistas da Fundação foram mais além da constatação dessa vergonha nacional: calcularam quanto custaria acabar com essa miséria no Brasil. Concluíram que é relativamente barato: 1,7 bilhão por mês. Sugerem que o governo deveria estabelecer metas sociais para acabar com a fome, assim como o Banco Central fixa metas para reduzir a inflação. Uma analogia carregada de bom senso...

Os dados da FGV diferem, na nomenclatura e classificação, de outros dados publicados pelo IPEA, que é um órgão do governo. Neste outro estudo, 53 milhões são pobres, assim definidos os que não tem renda capaz de atender às suas necessidades básicas. Destes, 22 milhões é que são considerados indigentes, com renda inferior a 60 reais. Na verdade, comparando os indicadores de um lado e de outro, o mapa da vergonha fica claro. Somos um país rico com um terço da sua população passando necessidades graves e fome.

Um país nessa triste situação não poderia comprar porta-aviões (já comprou) e novos jatos para guerras imaginárias (já anunciada a concorrência de 700 milhões) enquanto a guerra real não fosse vencida: a do fim da fome e da miséria no Brasil. É claro que o custo dessas e muitas outras inutilidades não chega nem perto dos recursos necessários para resolver o problema. Mas despesas inúteis carregam um forte simbolismo que confirma a falta de sensibilidade real para a grave injustiça social que nos envergonha e rouba o nosso sono.

Gotas de sabedoria

"Digno de admiração é aquele que, tendo tropeçado ao dar o primeiro passo, levanta-se e segue em frente".

"Duas coisas indicam fraqueza: calar-se quando é necessário falar e falar quando é necessário calar-se".

"Ouve o conselho de quem muito sabe sobre tudo, porém, ouve o conselho de quem muito estima".

"No silêncio só se escuta o essencial".

"Maravilhas nunca faltaram ao mundo, o que sempre falta é a capacidade de senti-las e admirá-las".

Essa falta de sensibilidade revela em outros atos de governo. O novo programa Bolsa-Escola que pretende ser "o maior programa social do mundo", na propaganda oficial, vai tentar tirar das ruas para a freqüência à escola as crianças que vendem pastilhas ou pedem dinheiro nas esquinas. Para isso, dará aos pais a fantástica ajuda de 15 reais mensais por filho, ou seja, 50 centavos por dia! Ora, qualquer criança que pede esmola ou vende qualquer coisa nas ruas ganha bem mais do que isso. A idéia do programa é excelente e tem outros autores conhecidos, que soberanamente dimensioná-lo corretamente para ser um incentivo real à saída das ruas e retorno aos bancos escolares.

Em suma, parece que além da falta de sensibilidade, falta vontade para se implantar uma política social verdadeira capaz de reverter esse quadro da fome e da miséria no Brasil e resgatar o direito a um pudim de vez em quando na mesa modesta de 50 milhões de brasileiros.

* Editores de *Fato e Razão*

Uma nova visão de Deus

Marcelo Barros*

As guerras e atos de intolerância praticados por crenças das mais diversas religiões fundamentam-se em uma visão de Deus que ama o bom e odeia o mau, premia o justo e castiga o ímpio.

No decorrer dos tempos muitos religiosos sentiram-se investidos da missão de serem "espada de Deus" para castigar os inimigos. Os fundamentalismos e movimentos fanáticos são expressões deste modo de viver e compreender a fé. Hoje, ao contrário, para trabalhar pela paz, é necessário crer em Deus como amor incondicional e compaixão universal.

Deus é mistério. O que sobre ele afirmamos é mais revelador de nós mesmos que do próprio Deus. Alguém já escreveu que, se os cavais pensassem e tivessem uma religião, o deus deles seria um belo equino. Isso não quer dizer que Deus é apenas projeção das crenças e fantasias humanas. Cíncias contemporâneas, como a Física Quântica, descobrem, por dentro das partículas mais ínfimas

do universo, uma inteligência misteriosa. Muitos percebem o universo como um organismo vivo. As religiões tradicionais falam de uma energia de amor ocultamente presente em toda a natureza e no mistério da vida.

Um dos mais notáveis teólogos evangélicos do nosso século dizia: "O nome da profundidade e do fundo infinito, inesgotável de todo ser, é Deus. Esta profundidade é o próprio sentido da palavra Deus. Se vocês virem o que há de mais importante e profundo na cultura e na vida de alguém ou de um povo, vocês estão tocando no mistério da presença de Deus" [1].

A tradição hebraica ensina que nenhum nome define totalmente a Deus. Na diversidade de nomes, aspectos do seu mistério são contemplados. Conforme o Éxodo, Deus disse a Moisés: "Foi como El Shaddai que Eu me revelei a Abraão, a Isaac e a Jacó" (Ex 6). Pouco a pouco, o povo de Deus referiu ao Senhor Deus vários nomes e atribuições que as tribos lhe conferiam: o Deus dos pais, o Deus da aliança, o Deus dos exércitos e muitos outros. No deserto Deus deixou que os hebreus venerassem, como sendo dele, a imagem da Serpente de Bronze, que serviria para curar; não aceitou, entretanto, a imagem do

Bezero de Ouro, que os tirava do caminho da libertação. Os profetas rejeitaram, como idólatras, imagens opressoras e cruéis de Deus: Moloc era uma visão de deus que exigia sacrifícios humanos; Baal era uma imagem de deus que legitimava o imperialismo dos fenícios e o comércio opressor. A Bíblia vai mostrando uma revelação progressiva de Deus como Amor e Compaixão. Jesus o chama de "Paizinho" (Abba) e revela em Deus traços de amor feminino de mãe.

A revelação bíblica depende da cultura do povo e, por isso, mantém muitas imagens de Deus ligadas à violência e à vingança. Hoje não podemos aceitar que Deus tenha criado toda a humanidade, mas tenha revelado seu amor apenas a uma minoria que forma "a religião verdadeira", deixando a maioria da humanidade "nas trevas do erro". Seria como um pai ou mãe que gera muitos filhos e resolve cuidar de um só, mandando todos os outros para um orfanato. Não podemos crer, ao pé da letra, na palavra da Bíblia segundo a qual Deus mandou Abraão matar Isaac, seu filho único, só para testar se Abraão lhe era obediente. Não podemos admitir que Deus tenha dado ordem aos israelitas para exterminarem cidades inteiras dos cananeus. Não cremos que Deus tenha mandado uma peste sobre toda a população do país, apenas para castigar o rei Davi que pecou. Ou que se apresente dizendo: "Sou um Deus que vinga a maldade dos pais nos filhos e nos netos, até a terceira geração".

No Evangelho Jesus diz que Deus faz nascer o sol sobre os bons e sobre os maus e ama os justos e os injustos. Ensina-nos que Deus é amor, vida e perdão. Não castiga ninguém nem é responsável pelo mal que existe no mundo. Judeus e cristãos podem aceitar que se chame a divindade de Brahma, Alá, Olorum ou Tupã, contanto que Deus não legitime ódios e violência, injustiças e discriminação social.

Pelo fato de saber, cientificamente, que o sol não nasce ali ou morre acolá, não deixamos de usar as imagens poéticas do sol nascente e poente. Relevar os textos sagrados com o olhar crítico da História e das ciências interpretativas não diminui nossa veneração por eles e nossa busca da Palavra de Deus contida nestas tradições. É como uma partitura musical: contém as notas da melodia que se torna viva e bela cada vez que é executada.

Para os cristãos, graças a Deus, surgem novas traduções da Bíblia que podem ajudar-nos nesta tarefa da interpretação e da busca do rosto de Deus oculto nos trapos dos textos antigos. Nesta verdadeira peregrinação interior o descobrimos sempre como um Deus que nos surpreende e diz: "Faço novas todas as coisas". (Ap. 21,5).

[1] - PAUL TILLICH, *The Shaking of Fundations*, p.63, citado por Dieudonné Dufrasne.

* Monge beneditino, autor de 24 livros, entre os quais o romance "A festa do pastor". E-mail: mostanun@cultura.com.br

"Se te perguntarem quem era essa que às areias e gelos quis ensinar a primavera...": é assim que Cecília Meireles inicia um dos seus poemas. Ensinar primavera às areias e gelos é coisa difícil. Gelos e areias nada sabem sobre primaveras... Pois eu desejaria saber ensinar a solidariedade a quem nada sabe sobre ela. O mundo seria melhor. Mas como ensiná-la?

Solidariedade

Rubem Alves*

Será possível ensinar a beleza de uma sonata de Mozart a um surdo? Como? - se ele não ouve. E poderei ensinar a beleza das paisagens de Monet a um cego? De que pedagogia irei me valer para comunicar cores e formas a quem não vê? Há coisas que não podem ser ensinadas. Há coisas que estão além das palavras. Os cientistas, filósofos e professores são aqueles que se dedicam a ensinar as coisas que podem ser ensinadas. Coisas que podem ser ensinadas são aquelas que podem ser ditas.

Sobre a solidariedade muitas coisas podem ser ditas. Por exemplo: acho possível desenvolver uma psicologia da solidariedade. Acho também possível desenvolver uma sociologia da solidariedade. E, filosoficamente, uma ética da

solidariedade... Mas os saberes científicos e filosóficos da solidariedade não ensinam a solidariedade, da mesma forma como a crítica da música e da pintura não ensina às pessoas a beleza da música e da pintura. A beleza é inefável; está além das palavras.

Palavras que ensinam são gaiolas para pássaros engaioláveis. Os saberes, todos eles, são pássaros engaiolados. Mas a solidariedade é um pássaro que não pode ser engaiolado. Ela não pode ser dita. A solidariedade pertence a uma classe de pássaros que só existem em vôo. Engaiolados, esses pássaros morrem.

A beleza é um desses pássaros. A beleza está além das palavras. Walt Whitman tinha consciência disso quando disse: "Sermões e lógicas jamais

convencem. O peso da noite cala bem mais fundo em minha alma..." Ele conhecia os limites das suas próprias palavras. E Fernando Pessoa sabia que aquilo que o poeta quer comunicar não se encontra nas palavras que ele diz: ela aparece nos espaços vazios que se abrem entre elas, as palavras. Nesse espaço vazio se ouve uma música. Mas essa música - de onde vem ela se não foi o poeta que a tocou?

Não é possível fazer uma prova colegial sobre a beleza porque ela não é um conhecimento. E nem é possível comandar a emoção diante da beleza. Somente atos podem ser comandados. "Ordinário! Marche!", o sargento ordena. Os recrutas obedecem. Marcham. À ordem segue-se o ato. Mas sentimentos não podem ser comandados. Não posso ordenar que alguém sinta a beleza que estou sentindo.

O que pode ser ensinado são as coisas que moram no mundo de fora: astronomia, física, química, gramática, anatomia, números, letras, palavras.

Mas há coisas que não estão do lado de fora. Coisas que moram dentro do corpo. Enterradas na carne, como se fossem sementes à espera...

Sim, sim! Imagine isso: o corpo como um grande canteiro! Nele se encontram, adormecidas, em estado de latência, as mais variadas sementes - lembre-se da estória da Bela Adormecida! Elas poderão acordar, brotar. Mas poderão também não brotar. Tudo depende... As sementes não brotarão se sobre elas houver uma

pedra. E também pode acontecer que, depois de brotar, elas sejam arrancadas... De fato, muitas plantas precisam ser arrancadas antes que cresçam. Nos jardins há sementes que não são meus, que de um outro. Acontece assim: uma criança vendendo balas num semáforo. Ela me pede que eu compre um pacotinho das suas pragas: tiriricas, picões...

Uma dessas sementes tem o nome de "solidariedade". A solidariedade não é uma entidade do mundo de fora, ao lado de estrelas, pedras, mercadorias, dinheiro, contratos. Se ela fosse uma entidade do mundo de fora, poderia ser ensinada. A solidariedade é uma entidade do mundo interior. Solidariedade não se ensina, nem se ordena, nem se produz. A solidariedade, semente, tem de nascer.

Veja o ipê florido! Nasceu de uma semente. Depois de crescer, não será necessária nenhuma técnica, nenhum estímulo, nenhum truque para que ele floresça. Angelus Silésius, místico antigo, um verso que diz: "A rosa não tem por quês. Ela floresce porque floresce." O ipê floresce porque floresce. Seu florescer é um simples transbordar natural da sua verdade.

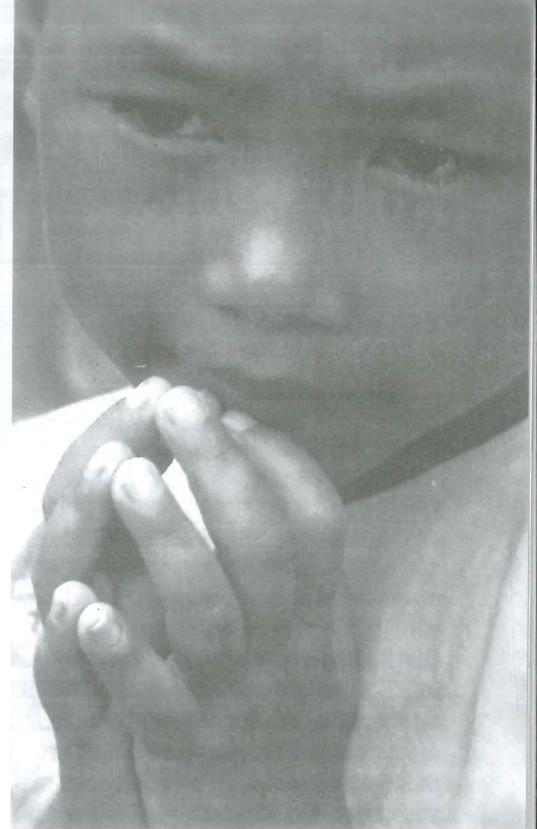
A solidariedade é como o ipê: nasce e floresce. Mas não em decorrência de mandamentos éticos ou religiosos. Não se pode ordenar "Seja solidário!" Ela acontece como simples transbordamento. Da mesma forma como o poema é um transbordamento da alma do poeta e a canção um transbordamento da alma do compositor...

Disse que solidariedade é um sentimento. É esse o sentimento que nos torna humanos. É um sentimento estranho - que pertence aos nossos próprios sentimentos. A solidariedade me faz sentir

inúteis. Seria necessário fazer nascer ipês no meio dos gelos e das areias! E eu só conheço uma palavra que tem esse poder: a palavra dos poetas. Ensinar solidariedade? Que se façam ouvir as palavras dos poetas nas igrejas, nas escolas, nas empresas, nas casas, na televisão, nos bares, nas reuniões políticas e, principalmente, na solidão...

O menino me olhou com olhos suplicantes. E, de repente, eu era um menino que olhava com olhos suplicantes...

*Poeta, escritor, teólogo, psicanalista.



QUAL A MELHOR ESCOLHA...

...de encontro a? ...ao encontro de?

Sueli Carrasco

Gina nem sabe dizer como foi, apenas que bateu. De leve, na perna do ciclista. Um arranhão aqui, um amassadozinho ali... O rapaz estava pálido. Com o ocorrido e com os gritos da moça. Como podia ele pedalar naquela rodovia sem espelho retrovisor, mesmo que pelo acostamento? Bem verdade que ela se distraíra com Olavinho, que a chamara do banco de trás querendo dinheiro para um refrigerante. Mas foi coisa tão rápida... Além do mais, não vinha correndo, era muito cuidadosa. Que ele olhasse para o seu carro. Não parecia novo? Algumas recauchutagens, ela ia descobrindo, mas tudo culpa de avoados. Quanto susto, que aborrecimento!

Os amigos de Gina a conheciam. Era um perigo quando estava com fome. E naquele sábado, em pleno meio-dia, um sol de torrar, estava indo participar de um churrasco na serra.

A discussão pegava fogo. Uma simples canela ralada virava uma área com exacerbação de hemâncias. Um aro ligeiramente entortado transformava-se em dano doloso de patrimônio. O que poderia ter sido resolvido com um acordo entre ambos derrapou para as barras dos tribunais. Gina precisou

contratar um advogado. Periodicamente obrigada a ir a audiências, já serviu a comunidade onde deu-se a ocorrência. Ainda todo mês tem de desembolsar significativa quantia para a vítima que, caso queira, pode adquirir, assim, mais algumas outras bicicletas, bem melhores.

Montando-se a humanidade em uma classificação simplista, poder-se-ia vê-la movimentando-se em duas vias: dos que, diante de quem os contradizem, escolhem ir de encontro a, isto é, fazer questão de bater de frente, encarregando o relacionamento em inóspito beco sem saída e a dos que já avançaram para o encontro de, ou seja, preservando a própria integridade, buscando desafogar tensões, contribuindo desta forma para fluir benéfico do entendimento.

Gina hoje lamenta ter-lhe faltado compreensão para resolver, no ato, aquele incidente. Os exercícios a que vem sendo submetida ultimamente a ensinado que atritos só desgastam engrenagens e que estas, para que funcionam bem, necessitam mesmo de óleo. No caso, o óleo da fraternidade.

Extraído do Jornal Paulista

"Simplicidade é fazer a viagem desta vida com o mínimo de bagagem possível". (Charles Warner).

As pessoas que precisam provar que estão certas não estão tentando ser entendidas. Elas se sentem inadequadas e podem ter sofrido uma disciplina excessiva na infância.

Ter razão e ser casado

Deonira L. Viganó La Rosa*

ouvir o parceiro até o fim de um relato, ocupadas que estão em encontrar desculpas para seus atos, provas para a sua verdade. Um adulto, treinado para não admitir falhas, identifica uma confissão de um erro como um ato de fraqueza que o coloca sob o poder de outra pessoa. E se defende disso, com toda a garra.

Conta-se que um casal, em suas bodas de prata, se vangloriava de nunca haver brigado. Perguntado como conseguira tal façanha, respondeu o marido: "Temos um trato: Sempre que pensamos igual, ela decide. Cada vez que temos divergências, permanece a minha opinião". Receita infalível. Quero crer que esse tipo de casal, ou similar, seja o único a não apresentar conflitos. Para parceiros adultos, a discussão pode ser saudável e colaborar com seu crescimento. Desde que ela não tenha a função de provar qual dos dois tem a razão, ou quem está certo e quem está errado. Seu papel fundamental é fazer da relação a grande vencedora. É fazer com que

sejam entendidos e aceitos os sentimentos de cada um.

Preparávamos um seminário, do qual participariam pessoas de diversas cidades. Diante de minha apreensão, revelou-me uma colega por quem tenho alto apreço: "O que menos eu temo, é errar". Realmente, não vale a pena

maquinar estratégias para defensas e proteger-se de erros, nem mesmo na intimidade. Somos humanos. Revelemos nossas imperfeições em casa, para podermos ser compreendidos e amados. E que bela aprendizagem terão os filhos desse casamento!

Sem perdão haverá futuro para o casamento

A única forma de sobreviver ao dia-a-dia sem um colapso emocional é por meio do perdão e do esquecimento. É preciso perdoar marido, mulher, pai, mãe, filhos, amigos. Precisamos nos perdoar por nossos próprios erros. Se você observar, verá que muitas vezes se sente preso numa situação em que não consegue perdoar. "Não perdô aquele dia em que você foi ao futebol e me esqueceu no hospital"..." E eu não posso engolir aquela vez em que você abandonou seu emprego, viajou, e me deixou trabalhando para sustentar suas vaidades". E já lá se vão 10 anos, depois dessas...

É importante introduzir em casa a noção de que o perdão é possível. Sobretudo se as pessoas vão continuar vivendo juntas, é preciso haver perdão mútuo. Às vezes, o que há para perdoar é um ressentimento pequeno; outras vezes, é algo de extrema seriedade. O importante é considerar o perdão e oferecer a possibilidade de reparação, independente da gravidade do dano. Por vezes, é interessante fazer um ritual, criar um momento especial, usar algum

símbolo ou metáfora, para marcar o fim de ressentimentos e o início de um período de perdão. Parece bobagem, mas nós, os humanos, dotados de corpo, necessitamos de rituais, de situações marcantes para expressar nossas emoções e sentimentos. Por qualquer motivo, fazemos festas e churrascos, porque não criarmos algo diferente e original para marcar a reconciliação e o início de um tempo de paz, com o cônjuge, um filho, um amigo, com o pai?

A tolerância, a compaixão, o perdão constituem um ambiente protetor no qual as crianças e os jovens podem crescer e desenvolver suas particularidades. A intolerância conduz à punição, ao controle. E perdoar é algo que se aprende, você já pensou nisso? Será que vale a pena investir nessa aprendizagem? Você investe? Encorajar a bondade e o perdão, nós mesmos e nos outros é saudável e terapêutico. Atos generosos, sem motivações egoísticas, aumentam a auto-estima e melhoram o relacionamento.

Quando marido e mulher vivem se cobrando por coisas

que muitas vezes se terão perdoado?

presente ou do passado, o que entenderão os filhos em relação ao perdão, à tolerância? Quando o dia-a-dia é uma queixa só, como desenvolverão o hábito de observar e dizer as coisas positivas, suas e dos outros? Há quem pense que perdoar é uma atitude meramente religiosa, de quem é cristão, já que Jesus insiste nisso.

Entretanto, percebemos que perdoar é humano e psicologicamente saudável, ou Jesus não teria recomendado, já que ninguém pode ser cristão sem ser humano.

*Terapeuta de Família. Mestre em Psicologia.

Um teste bem simples

Quanto tempo durou a guerra dos 100 anos?

Em qual país é fabricado o chapéu Panamá?

Em que mês os russos celebram a Revolução de Outubro de 1917?

As ilhas Canárias, no oceano Pacífico, têm seu nome tirado de qual animal?

Quanto tempo durou a guerra dos 30 anos?

VEJA AS RESPOSTAS:

1. A guerra dos cem anos durou 116 anos (de 1337 a 1453).

2. "Chapéu Panamá" é fabricado no Equador.

3. A "Revolução de Outubro" é comemorada em Novembro. O calendário russo estava na época 13 dias atrasado.

4. As "ilhas Canárias" não estão no Oceano Pacífico e têm seu nome tirado de "cão".

O nome é *Insularia Canaria*, que significa "Ilha dos Cães".
5. Sim, durou 30 anos, de 1618 a 1648. Esta pergunta foi só para você não tirar zero!...

Mutações

Desde Kant é novo o nosso horizonte. A torre das igrejas deslocou-se para os edifícios dos bancos e as catedrais cederam lugar aos shopping-centers com linhas arquitetônicas de templos futuristas.

Já não se trata de acumular graças no Céu e sim juros bancários; a remissão transfere-se do confessionário para o divã do psicanalista; os índices do mercado ressoam mais alto que os oráculos divinos.

A natureza, enfim, foi dessacralizada e, com ela, todas as obras culturais. O que a lenta e implacável erosão do tempo não logra desfazer, num piscar de olhos tratores e dinamites derrubam, implodem e pulverizam. Gaia é estuprada na mesma proporção que o nosso olhar consome a exuberância de nádegas protuberantes, nesse desaprender incessante de discernir o belo e pensar com a cabeça.

Nada parece resistir ao império da razão, despida de mitos

e utopias. O único eixo é a economia, e a pessoa só importa enquanto ser produtivo ou revestido de adornos de fama e fortuna. O resto - ilusões, fantasias, valores, espiritualidade - fica relegado à esfera privada. Lá no recôndito do lar ou do coração podemos nos imaginar super-homens ou encarar a própria mesquinhez.

A cada dia, multiplicamos os pequenos assassinatos. A síndrome penitencial acaba vencida por seu único antídoto: a liberdade de consciência. Já não devemos nos sentir culpados de nossas culpas nem arcar sobre os ombros a redenção universal. Arcaismos contemporâneos.

Se somos livres e a consciência é a nova rainha que nos libera dos castigos celestiais e dos temores infernais, por que esperar além do que nossas mãos podem fazer? Um moinho vale mais que mil palavras. E de que vale regar os campos com água-benta se o adubo químico produz cem por um? Adoração a Deus.

Não nos basta sentir o perfume das mangas. Estendemos as mãos, rasgamos a casca com os dentes e desfrutamos da polpa dourada, cremosa, cujo sumo pinga

entre dedos, palmas, pulsos e espas, açucarando o paladar. Mas, é claro, temos pressa, a voracidade entrega o prazer.

Nisto se resume nossa atitude mais frontal: a árvore esquartejada nos bancos e mesas; o curso do rio desviado propicia irrigação; o campo aberto da terra aborta os rios preciosos. No entanto,

como é difícil ser próximo do moinho Misteriosos os contemporâneos de nosso próprio ser... Tanta cultura, tantos propósitos e, sobretudo, a emoção liberta a fera, lima as unhas, afia a língua e ficamos reduzidos a um saco de carnes, ossos e músculos que vomitam monopólios.

Somos como o barco que, ao entrar das ondas, ignora a riqueza que se esconde sob as águas. Tudo parecia mais sedutor à nostalgia que perfura o peito qual saudade atávica: os cultos primitivos a cada manhã, reinventavam o dia e, à noite, distribuíam as estrelas pelos céus; os livros sagrados que nos apontavam as estradas da transcendência e da abundância, e nos familiarizavam

com as vozes inaudíveis dos deuses; a filosofia que tudo organizava em seus conceitos, como se o sentido fosse apenas uma questão de mecânica; os símbolos que nos remetiam a profecias e revelações, milagres e profecias, no espaço insondável de nossas crenças; o vasto reservatório de evidências que fornecia uma explicação para cada interrogação (ainda que a pergunta

fosse tão absurda quanto a possibilidade de resposta).

Enquanto Descartes não nos ensinou a pensar, quando crer era tão cômodo, a vida não carecia de sentido: o badalar dos sinos, o cheiro de incenso, os lábios ascendentes das curvas góticas, o promíscuo bailado dos anjos. O rio corria preso a seu leito, os galos cantavam o alvorecer, o trigo jamais se confundia na procedência da flor, da espiga e do grão. O vinho trazia o gosto de pés cobiçados, o pão era abraçado por seios fartos, a carne assada na lareira aquecia o sangue e o sexo.

Agora, tudo gira em torno dessa premência de colher o trigo, preparar a massa, assar o pão, afiar a faca, deixar o leite gordo adensar-se em manteiga e comer. Abrir sulcos na terra salpicando-a de óleo, o galpão entulhado de máquinas, no lucrativo movimento de transformar o algodão em tecidos.

Na antiga aldeia cruza a rota do mercado e, nela, as carroças dão passagem aos caminhões. A paisagem quebra-se encoberta por edifícios que arranham os céus, o frescor da manhã volatiliza-se na fumaça espessa, os telefones frenéticos encurtam distâncias e tornam agora o que seria depois. Premissas pós-modernas.

Não seria hora de condicionar o progresso das coisas à felicidade da gente e, ao menos, admitir que o Criador crê em sua criatura?

* Frei Betto, escritor, é autor do romance *Entre todos os homens* (Ática), entre outros livros.

Quando um homem começa a radicalizar a sua idéia, ao extremo de não mais admitir qualquer contestação ou correção aos conceitos que ele emite, ele se torna um elemento perigoso.

Os radicais

Pe. Zez

Os políticos que não admitem oposição nem diálogo, os religiosos que não admitem dissidência nem diálogo, os situacionistas e os opositores que de tal modo se agarram às suas idéias, a ponto de ver subversão e antipatriotismo em qualquer crítica que se faça, ou má intenção e ditadura em toda e qualquer lei que se lavre, são pessoas obcecadas que acabaram por absolutizar uma idéia, por medo de que ela não tivesse suficiente força para se impor por si mesma.

Todos nós, religiosos, políticos, educadores, mantenedores da lei, corremos sempre um grande risco de bitolar nossas mentes e nossos corações a ponto de não vermos senão a nossa verdade, desprezando consequentemente a contribuição honesta do outro. E o que é pior, chegamos muitas vezes ao extremo de considerar desonesta toda e qualquer discordância, venha ela de onde vier.

A capacidade de conviver com um adversário é uma virtude que faz falta no mundo de hoje. Desde o Kmer Vermelho até os regimes fortes do Ocidente, desde Roma até Nova Delhi, desde a mais pomposa catedral até o mais humilde centro de oração, desde a pequeníssima câmara de vereadores até os magníficos e suntuosos palácios de justiça e congressos nacionais, o homem pode perder de vista o sentido da procura.

Viver como alguém que tem certeza absoluta de que a verdade está com ele e, nem um pouquinho dela resta ao adversário, é o mesmo que viver com a mentira besuntada de santidade.

Ninguém sabe tudo o que deveria saber sobre a vida. Ninguém sabe tudo o que deveria saber sobre Deus. Ninguém sabe tudo o que deveria saber sobre a arte de governar. Ninguém portanto pode arvorar-se o direito de

Comidas e guerras religiosas do passado continuam ao longo da história: os mesmos fundamentalismos e igual intolerância violenta, - só muda o tipo de armamentos

radicalizar, esmagar ou destruir o outro, esteja ele na situação ou na oposição.

Enquanto a Humanidade não souber para que serve o diálogo e para que servem as leis e seus mantenedores, para que a oposição é a situação, para que o dom das pessoas e da comunicação, receio que continuaremos a ver o

fanatismo disfarçado em justiça! E a primeira característica do homem justo é achar que só ele pratica a justiça e só ele tem direito de exercê-la! O fanatismo ideológico

consegue sempre justificar toda e qualquer atitude contra ou a favor de determinada verdade.

Os radicais servem para uma coisa apenas: provar ao mundo como é possível um ser humano acabar na bitola do que poderia ter sido uma grande verdade. As grandes radicalizações precedem quase sempre às grandes mentiras!...

* Sacerdote, escritor, compositor, texto apresentado na Rádio Rainha da Paz

- Será essa a raiz dos desentendimentos na família? Nas relações do casal? Nas relações entre pais e filhos? O que pensamos disto?
- Os conflitos na sociedade e entre nações podem ter essa mesma raiz?
- Somos capazes de distinguir valores permanentes de valores provisórios? Acolher criticamente mas sem preconceitos valores que surgem e questionam nossas antigas convicções?

Quem procura ligar a vida à sua fé sabe que as religiões têm uma dívida social com a causa da mulher.

Mulheres & homens

Marcelo Barros

A maioria dos caminhos espirituais surgiu a partir de sociedades machistas que as levaram a canonizar o modelo patriarcal.

A Bíblia proclama a igualdade fundamental entre homem e mulher. Suas leis defendem o direito da mulher, menos claro e não garantido, em uma sociedade machista. Revela Deus como mistério de amor que integra qualidades vistas pelo mundo como masculinas e outras como femininas. Ícones orientais cristãos revelam o Espírito de Deus como uma mulher que nos ama com o seu útero de compaixão. Entretanto, ao longo de sua história, a Igreja desenvolveu uma cultura machista e discriminatória com relação à mulher.

Atualmente, se desenvolvem teologias feministas e leituras da Bíblia a partir da questão de gênero. Elas nos trazem uma nova riqueza para a fé e para nosso engajamento na causa comum da igualdade entre homens e mulheres. Nas Igrejas,

trabalham para que as mulheres tenham acesso aos ministérios sagrados, com o mesmo direito que os homens.

Infelizmente ainda há homens que não se sentem tocados por esta luta. Julgam que este caminho interessa apenas à mulher. Não percebem que, na solidariedade à causa da mulher, o homem se humaniza e o rosto de Deus, que integra em si mesmo o masculino e o feminino, brilha no coração de todas as pessoas que crêem.

Durante o século XX, a causa da mulher conquistou algumas importantes vitórias. Os últimos dez anos foram consagrados pela ONU como "Década das Mulheres". O feminismo assumiu uma proporção internacional, sendo uma de suas principais características a diversidade de formas de expressão e de reivindicações, nos países do sul e do norte, na sociedade ocidental ou em culturas autóctones.

Em todo o Brasil, ainda existem muitos casos de violência contra a mulher. Na família e no

trabalho, ainda sobram discriminações. As mulheres têm mais acesso à educação e ao mercado de trabalho, mas uma estatística prova que as mulheres produzem 2/3 dos bens alimentícios e, em geral, recebem menos que os homens pelo mesmo tipo de trabalho.

O atual modelo de globalização oferece certas mudanças e possibilidades para as mulheres, mas, como a base do sistema é a discriminação social e a exclusão dos pobres, a situação da mulher acaba refletindo a mesma segregação fundamental. A concentração da terra nas mãos de uma minoria, a diminuição de postos de trabalho e todo tipo de injustiça estrutural oprimem homens e mulheres, mas de certa forma acaba dando mais sofrimento para as mulheres. As mães de família são duplamente atingidas pelo desemprego. Mais do que o homem, a mulher é freqüentemente forçada a trabalhos sexuais aviltantes. A

- Em nosso país, em nossa cidade, ainda se percebe alguma forma de discriminação da mulher? Na sociedade? Na Igreja?
- O papel da mulher na família é realmente valorizado?
- E no trabalho fora de casa? A remuneração da mulher no mercado de trabalho é equívalente à do homem?

Lia e assine **Rede** - uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial, nacional e internacional.

Escrivem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Lacerda, Helio Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Virgílio Uchoa,

Basta telefonar para a Rede de Cristãos das Classes Médias e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (024) 2242-6433

miséria econômica castiga mais as mães de filhos menores que ficam permanentemente com as crianças, sem ter como garantir comida, saúde e mesmo habitação digna.

A causa feminista tem se associado a todas as lutas justas da sociedade contra formas de segregação, como a étnica, a racial, a sexual e outras. Agora está sendo proposto à ONU dedicar este início do século XXI à erradicação das discriminações contra a mulher. A causa da igualdade e da justiça diz respeito a todas as pessoas comprometidas com uma sociedade nova. Assim, mulheres e homens, dentro e fora das estruturas institucionalizadas, quer sejam religiosas ou leigas, devem trabalhar juntos para uma relação de gênero que conduza a essa sociedade de diálogo, respeito às diferenças e compromissos comuns.

*Monge beneditino, escritor, Mosteiro Nossa Senhora da Anunciação, GO.

Dez desafios à família nesta década

Equipe de Redação

1

A valorização da união da família contra a tendência à dispersão familiar.

A cultura norte-americana é transmitida intensamente através do cinema: homens e mulheres nos filmes vivem sozinhos ou, no máximo, para mulheres, moram duas no mesmo apartamento; mas sempre distantes da família de origem, ausentes do cenário; estatísticas recentes mostram que 26% das moradias nos Estados Unidos são ocupadas por um só morador; casais com filhos correspondem a menos de 24% das moradias – enquanto em 1960 eram 45%; em Copacabana, no Rio, mais de metade dos moradores vivem sozinhos; filhos de classes médias ou mais abastadas tendem a sair de casa em busca de “independência”; o mercado de trabalho e o emprego escasso também levam à dispersão e mesmo à desagregação familiar, com a crescente mobilidade profissional.

2

A recuperação do casamento estável contra a tendência à união informal instável.

Ainda a influência da cultura norte-americana: crescem as uniões informais, transitórias; naquele país o número de casais sem contrato de casamento civil ou religioso passou em dez anos de 3,2 milhões para 5,5 milhões, indicando uma tendência acelerada para essa opção; nos filmes é comum se ver que os pares se formam e logo estão juntos, sem uma formalização que aponte para a intenção de permanência e estabilidade.

3

A comunicação interpessoal na família contra a pressão dos MCS e Internet.

A TV inaugurou um novo tipo de isolamento entre as pessoas da família; mesmo que seja um único aparelho, as pessoas permanecem juntas e distantes, como que hipnotizadas pelas tramas das novelas ou filmes, não mais conversam; no máximo discutem para disputar o programa de sua preferência contra as dos demais; pior se começam a surgir mais aparelhos: nos quartos, na cozinha... – e a Internet veio agravar o problema: são horas de isolamento individual roubadas ao diálogo familiar.

4 *A valorização da sexualidade como expressão de amor, contra a onda pornoerótica.*
A onda é avassaladora; quase todos os filmes e novelas apelam para um sexualismo de baixo nível, tantas vezes grosseiro, em nada parecido com a rica expressão de amor que poderia ser; a Internet oferece gratuitamente a qualquer criança milhares de fotos da mais arrachada pornografia; a sexualidade humana resulta degradada.

5 *A valorização da ética contra a banalização da esperteza.*
Já se viu tamanha onda de desrespeito ao dinheiro público associado a uma impunidade desonesta, passando a idéia de que quem compensa; revelam-se ações inacreditáveis de simplicidades de togas e colarinhos pretos; os roubos só de medem em milhões de dólares, e só são presos os que roubam pouco e não podem pagar advogados para uma liberdade tranquila, com base em liminares e outras medidas judiciais bastante caras.

6 *Austeridade contra o consumismo insustentável.*
A pressão sobre as famílias para consumir sempre mais, com o apoio de uma propaganda intensa, atinge a economia da família, induz a entender-se a jornada de trabalho para aumentar a renda familiar, contribui para o esgotamento das nossas riquezas minerais e a devastação de nossas florestas; o desperdício é monumental e o

consumismo é anti-ecológico. A crise de energia no Brasil e nos Estados Unidos, o efeito estufa e o aquecimento do planeta, dentre outros estragos da natureza têm sua raiz no consumismo obsessivo, uma das características do modelo econômico vigente.

7

A educação para a cooperação contra a tendência à competição desvairada.

Também é própria do modelo econômico neoliberal, agora globalizado, a competição regida pelas leis de mercado; a busca de competitividade tornou-se uma obsessão; compete-se não só no comércio mas na profissão, no trabalho, em quase todas as relações sociais externas à família; esse espírito de competição acaba sendo levado para dentro de casa e degrada as relações familiares de cooperação e gratuidade; cria também um endurecimento nas próprias relações sociais, alimentando o individualismo.

8

A valorização da vida contra a expansão do consumo de álcool e demais drogas.

Essa é a praga mais assustadora do nosso tempo e não se vê a curto prazo uma tendência de reversão; o alcoolismo é a dependência mais disseminada e desagregadora de famílias; as drogas pesadas são uma espécie de morte antecipada; lidar com o problema do drogado na família é um desafio que exige aprendizado e uma enorme capacidade de tolerância, paciência, sacrifício e renúncia; o desafio estará na prevenção, estreitamente ligada à valorização da vida pessoal

e à melhor qualidade das relações familiares.

9

A busca de uma fé adulta contra a sua redução a expressões religiosas superficiais.

A formação para a fé encontra os pais hoje despreparados; tradicionalmente a formação religiosa se limitava à matrícula dos filhos na catequese paroquial para a primeira eucaristia e depois a cobrança da freqüência à missa dominical; predominava assim o infantilismo na fé, reduzida a práticas religiosas muitas vezes superficiais e livres de compromissos; numa sociedade marcadamente religiosa do passado, essa prática parecia funcionar; no mundo moderno secularizado a fé dos cristãos não pode permanecer nesse nível infantil; tampouco as novas práticas religiosas de massa oferecem solução para a construção de uma fé adulta; a tendência é a indiferença religiosa ou a adesão a

uma religiosidade de tipo mágico que faz proliferar igrejas e seitas não convergentes com a proposta exigente e comprometedora do evangelho.

10

O exercício da cidadania contra a tendência à alienação socio-política.

Há uma evidente conspiração para manter o povo politicamente alienado; as famílias são envolvidas por noticiários diários manipulados por interesses comerciais e políticos que impedem o acesso à verdade dos fatos; povo conscientizado reduziria o espaço de manobra dos que se servem da política em benefício pessoal e muitas vezes a assalto aos cofres públicos; pais alienados não estimulam os filhos a assumir a sua cidadania e uma presença transformadora na sociedade; criam-se personalidades individualistas e alimenta-se o mito de que "a política é coisa suja", ou perigosa. "Não se meta nisso, meu filho".

- *Quais parecem ser os desafios mais sérios ou preocupantes?*
- *Como responder a esses desafios?*
- *Que comportamentos, atitudes e práticas devem ser adotados? Quais os que devem mudar?*
- *O que podemos fazer para reverter as tendências sociais identificadas - individualmente, como famílias, como movimento.*

Frases que fazem pensar

"O melhor modo de vingar-se de um inimigo é não assemelhar-se a ele".

"Em tempos difíceis, em algumas pessoas crescem asas; outras compram muletas."

"Não é possível mudar a direção do vento, mas é possível ajustar as velas."

"Uma forma infalível de fazer o seu filho infeliz é satisfazer todas as suas vontades."

A preocupação não tira do amanhã os seus sofrimentos mas esvazia o presente da sua força."

Poema

*Eu vi, descendo do céu,
a face sem face do amor
Eu vi, chegando na terra,
a face criança do amor.*

*Eu vi, vivendo na terra
a face humana do amor
Eu vi, morrendo na terra
a face dorida do amor.*

*Eu vi, brotando do chão,
a face exultante do amor
Eu vi, subindo da terra,
a face serena do amor.*

*Eu vi, vivendo na terra,
irmãos construindo o
amor*

*Eu vi, morrendo na terra,
as testemunhas do amor.*

*Eu vi, lutando na terra,
irmãos, em nome do amor
Eu vi, perdida na terra,
a face, fonte do amor.*

*Eu vi, chovendo na terra
a graça do teu louco amor
Eu vi, nascendo da terra,
o cântico novo do amor !*

Beatriz Reis

Acreditamos que fomos criados para ser imagem de Deus. Nascemos com o potencial para alcançar esse fim.

a Sexualidade a festa do amor

Chegar a ser imagem de Deus é um processo, uma construção que se faz ao longo da vida. É o processo de busca incessante de humanização, ao longo do qual se vai construindo uma identidade pessoal original e única, destinada à vida eterna no encontro definitivo com o Criador.

Assim, quanto mais se humanizam, mais se aproximam os homens e mulheres da imagem de Deus, ainda que imperfeita enquanto pertencerem à etapa da história humana.

Homens e mulheres buscam sua humanização em resposta a impulsos que Deus plantou nos mais profundos escaninhos do seu ser. Esses impulsos não são simples instintos condicionadores como aqueles que asseguram a sobrevivência das espécies animais. São potencialidades submetidas à razão, à consciência, à liberdade de escolha e aos sentimentos humanos, influenciadas pela cultura, valores éticos, morais e religiosos reconhecidos pela sociedade em que o processo de humanização se desenvolve.

O impulso sexual

Permitam destacar o impulso que nos leva a buscar uma relação interpessoal profundamente amorosa, mais intensa e prazerosa que se expressa numa festiva alegria de viver. E que ainda leva consigo o potencial de criar vida. Essas são as características da sexualidade humana, a sexualidade vivenciada como a festa do amor: a mais prazerosa, emocionante e arrebatadora experiência humana, mais próxima do que imaginamos seja a felicidade plena prometida para a eternidade, se de fato é expressão e celebração do amor humano.

Nem sempre é assim. Com os demais impulsos para a humanização, o impulso sexual pode ser deturpado, bloqueado, castrado, desviado ou exacerbado e assim impedido de levar a uma vivência realmente humanizada da sexualidade.

Os agentes desses acidentes de percurso são muitos. Alguns têm raízes profundas, históricas, culturais e religiosas. Outros programados para atender a



interesses comerciais poderosos da bilionária indústria do sexo em seus mil desdobramentos.

Começam com a traíçoeira infiltração do dualismo neoplatônico na cultura ocidental e no cristianismo.

Seríamos corpo e alma, duas entidades independentes. Forte desconfiança em relação ao corpo, uma carga incômoda e perversa para a

alma que seria a nossa parte saudável. O prazer corporal é condenável e conspira contra o desenvolvimento das realidades espirituais, onde se situaria a dignidade humana. As práticas estóicas que sacrificam o corpo e os desejos humanos são recomendadas para a elevação da alma. A sexualidade humana, ao longo dos séculos, em diferentes culturas, é tolerada como um mal necessário para a sobrevivência da espécie, mas a sua prática macula definitivamente a natureza espiritual do homem e da mulher. Os sacrifícios e privações, a renúncia ao prazer e até mesmo a auto-flagelação são vistos como formas de ascese, de elevação da alma pelo castigo purificador do corpo que a aprisiona.

Pareceriam condicionamentos culturais superados de um passado remoto mas não é assim. Esse dualismo permanece vivo e inspira freqüentemente orientações morais e religiosas nos nossos dias. E de um modo especial, infelizmente, na Igreja. Nela, a sexualidade é um tema ainda não resolvido.

O machismo

Outro elemento que conspira contra a beleza da sexualidade tem relação direta com a histórica

desvalorização e discriminação da mulher. A relação sexual não terá uma dimensão humanizadora se expressar uma relação de dominação-submissão desumanizadora, ainda que disfarçada por uma forma de relação simbiótica psíquica, muitas vezes neurótica. Dos filósofos gregos, a São Paulo e grandes doutores da Igreja, esse pernicioso machismo penetrou na cultura ocidental e nas religiões, está infiltrado nas Escrituras e nos tratados de teologia.

Entretanto, nas primeiras páginas da Bíblia, nos dois relatos da Criação, os autores já denunciavam essa discriminação contrária ao projeto de Deus. Numa poética figura literária, o autor javista, (sec. X a.C) inconformado com aquela desvalorização, descreve a mulher sendo criada de tal modo que o homem pudesse se referir a ela como "osso dos meus ossos", ou seja, de mesma natureza e dignidade do homem. No relato sacerdotal, menos antigo (sec. V a.C), não tendo sido superada a discriminação feminina, os autores afirmam que Deus os criou ambos, homem e mulher, "à sua imagem".

Ora, aquela visão depreciativa da mulher a reduziu freqüentemente, ao longo da história, a simples objeto sexual, e desenvolve ainda nestes tempos aquela indústria do sexo, que explora o seu corpo como rendoso objeto do desejo masculino, apelo de venda de qualquer produto de consumo, uma gigantesca produção editorial mais pornográfica que erótica, as fantásticas redes internacionais de prostituição,

muitas vezes submetendo mulheres solenemente proclamada a um regime escravocrata, o crescente turismo sexual em países periféricos, e tantas outras fórmulas de faturar sobre a exploração sexual do corpo feminino.

Desenvolveu-se, assim, uma sexualidade masculina desfigurada que leva o homem a uma busca de sexo como simples satisfação do impulso biológico, desvinculado da relação amorosa, ou como conquista com que afirma e alimenta a sua masculinidade. Pode, assim, a ansiedade de relatar na rede de amigos as suas conquistas sexuais, geralmente emolduradas por boa dose de fantasia.

É claro que, nessas práticas há sempre que se distinguir as que dentro ou fora das convenções e preceitos sociais, culturais ou religiosos, são expressões verdadeiras de amor, carinho e afeto, e as que não o são. Pela falta de elementos de juízo nesse campo, não pode ser a sexualidade humana submetida a normas morais e religiosas rígidas e objetivas. Certamente, sim, a princípio é que valorizem o seu potencial de beleza e prazer humanizadores.

A sexualidade na Igreja

Na Igreja, a sexualidade é fato um assunto mal resolvido. Seriam muitos os exemplos objetivos em que essa falha se manifesta explícita ou veladamente. Temos o direito de suspeitar de pelo menos uma das razões. No século XII foi adotado pela Igreja, embora amplamente desobedecido, o celibato obrigatório para o clero do mundo latino. No século XVI foi

O resultado não poderia ser diferente: a sexualidade envolta num manto de suspeição e condenação. As cada vez mais descumpridas orientações pastorais, doutrinais ou canônicas sobre planejamento familiar, contraceptivos e preservativos estão fortemente inspiradas nesse quadro obscuro da sexualidade mal resolvida.

Um só exemplo extravagante: o divorciado recasado não pode participar da eucaristia. É o único pecado sem perdão para essa participação eucarística central na vida da Igreja. Mas há uma possibilidade: se o casal aceitar "viver como irmãos", eufemismo para a abstenção de relações sexuais... poderá participar da comunhão. Quer dizer: podem manter-se divorciados, recasados, nem importa se culpados ou não da separação, podem mesmo amar-se, mas não podem celebrar sexualmente o seu amor se quiserem participar do sacramento maior. Revela-se a visão preconceituosa da sexualidade que persiste ainda hoje. Suprime-se justamente um alimento básico do amor do casal.

É preciso reconhecer: será sempre muito difícil para o clérigo formado sob a disciplina rígida do celibato e da abstinência sexual radical, armado para se defender da própria afetividade em relação ao sexo oposto, compreender a beleza da vivência festiva e arrebatadora do ato sexual que exprime e celebra o amor, com toda a sua bela coreografia de caudaloso transbordamento recíproco de alegria e prazer compartidos.

A dimensão sacramental

É importante compreender a verdadeira dimensão sacramental da união de um homem e uma mulher, por sua relação com a sexualidade.

Somente depois de mil anos de história, a Igreja reconheceu e proclamou essa união conjugal como sacramento. Como se sabe, sacramento é algo que se torna sinal ou símbolo de outra realidade maior. Uma flor pode se tornar símbolo ou sacramento do amor humano se oferecida a alguém com a intenção de exprimi-lo. Então, o amor humano pode ser assumido e vivenciado como sinal ou símbolo do amor de Deus por nós. Se assim é, torna-se sacramento divino. A densidade sacramental da união dos dois será naturalmente proporcional à maior ou menor semelhança do seu amor com o amor de Deus, que é fiel, gratuito, libertador e comprometido com a realização plena do outro. Amor de quem é capaz até mesmo de dar a vida pelo bem do outro. Se o amor dos dois é assumido nessa perspectiva de fé, tomando o amor de Deus como modelo, a união do casal é então entendida como um

- ❖ *Como é vivenciada em geral a sexualidade matrimonial, pelo que se ouve em conversas mais íntimas, entre homens, entre mulheres?*
- ❖ *Pode-se afirmar que é sempre uma expressão real de amor, temos bem-querer? Pode ser às vezes uma negação desses sentimentos?*
- ❖ *A sexualidade na vida do casal é exemplo para os filhos? É percebida nos gestos, palavras e manifestações de carinho?*

"A verdadeira viagem de descobrimento consiste não em buscar cenários novos mas em ter olhos novos." (Proust)

sacramento divino. Assim, quanto mais os dois se amam, mais densa é a sacramentalidade da sua união. Ora, a sexualidade que exprime o amor do casal tem o poder de alimentar e fazer crescer esse amor. Cria-se um círculo virtuoso na relação dos dois: quanto mais se amam, melhor exprimem sexualmente o seu amor. Quanto melhor celebram sexualmente o seu amor, mais se amam. É próprio dos sacramentos essa efetividade e eficácia, quer dizer: produzem aquilo que exprimem e simbolizam.

Podemos então concluir que a sexualidade humana, numa perspectiva de fé cristã católica, tem um enorme potencial sacramental, por ser capaz de alimentar e fazer crescer o amor de uma união, sinalizando assim a presença viva do amor de Deus por todos os homens e mulheres criados à Sua imagem. Se enfim e assim compreendida, a sexualidade se liberta definitivamente de preconceitos caducos e passa a ser vivida na plenitude do prazer e da alegria, como a festa do amor e por nós recebida como um delicado presente de Deus.

* Editor de Fato e Razão. Ilustração sobre tela de Armando Amorim



Mistérios do Egito antigo

Rubem Alves*

O faraó, filho dos deuses, estava perturbado. Sonhava dois sonhos estranhos, de sentido misterioso. No primeiro deles ele via 7 vacas gordas e bonitas saindo do Nilo, seguidas por 7 vacas magras e feias. E, a despeito do fato de vacas serem animais vegetarianos, as 7 vacas magras e feias devoravam as 7 vacas gordas e bonitas. No segundo sonho ele via 7 espigas bonitas e cheias de grãos suspindo de uma haste, seguidas por 7 espigas feias e mirradas. E a mesma coisa acontecia: as 7 espigas feias e mirradas comiam as 7 espigas bonitas e cheias de grãos. O faraó, não conseguindo compreender o sentido dos sonhos, mandou chamar os sábios e intérpretes que faziam parte do seu ministério. Mas também eles não conseguiram decifrar o mistério dos sonhos. O copeiro-mor do palácio, que passara uma temporada na prisão, dirigiu-se então ao faraó e contou-lhe de um jovem que conhecera na prisão, a quem os deuses haviam dado o dom da interpretação dos sonhos. Era um judeu, de nome José. O faraó ordenou que José fosse trazido à

Alertado pela interpretação de José, o prudente faraó tomou as providências administrativas necessárias: ordenou que se construissem celeiros por todo o país e que se armazenasse grãos suficientes para os anos de fome. E assim o Egito foi o único país a passar incólume pelos anos das vacas magras. Isso está relatado nas Sagradas Escrituras, no livro de Gênesis, a partir do capítulo 41.

Entre os tesouros arqueológicos recentemente recuperados de uma cidade egípcia submersa há séculos, foi encontrada uma pedra onde se encontra um relato diferente do que aconteceu. O que esse documento conta é o seguinte: o faraó, ao ouvir a interpretação de José, e olhando

para os vales férteis e verdejantes às margens do Nilo, não acreditou na profecia. Achou que José era um espertalhão que tentava ludibriá-lo. Assim, enviou-o de volta à prisão. E, de fato, por 7 anos as margens do Nilo continuaram férteis como sempre tinham sido. Mas aí, repentinamente, veio uma seca nunca vista. As águas do Nilo baixaram. Suas margens secaram. As vacas morreram. As poucas espigas que nasciam não tinham grãos.

Em pânico faraó convocou seus ministros. "Que fazer?" - ele perguntou. "- É preciso racionar os alimentos, Majestade! Todo o país deve comer menos para que não haja fome!" "Está certo!" - disse o faraó. "Mas como faremos o racionamento?" Os sábios responderam: " - É preciso que não haja injustiças. Todos os cidadãos devem fazer o mesmo sacrifício! Assim, propomos que todos no reino, sem distinções, passem a comer 20% menos do que comiam. E como as pessoas só obedecem sob ameaça, propomos que aqueles que não comerem 20% menos sejam condenados a passar um mês sem comer!"

O faraó gostou da sugestão. Soluções baseadas em números, estatísticas e porcentagens são as mais científicas. E assim ele fez publicar com édito que seus arautos proclamaram pelo reino, anunciado o racionamento de comida e as punições para os que insistissem em comer muito.

Abdul El Gulash era um mercador que se enriquecera pela fabricação de relíquias arqueológicas. De todo o mundo

vinham homens de negócios para comprar as suas mercadorias que já se sabia naquela época, eram um excelente investimento para o futuro.

Abdul era um fino conhecedor de psicologia. Sabia que os melhores negócios se fazem à volta de uma mesa farta regada a vinho. Assim, parte da sua política de relações públicas estavam festivas, gastronômicos que ele oferecia diariamente aos seus possíveis clientes. Em suas despensas se encontravam as comidas mais refinadas: carnes, peixes secos, aves, cebolas, pães, bolos, manteiga, ovos de codorna, ovos de crocodilo, mel, leite, queijos, azeite, figos, maçãs, tâmaras, uvas, romãs, nozes. Anfitrião, ele tinham de banqueteando-se juntos aos seus convidados. E seus hábitos gastronômicos se revelavam nas dobras de gordura que cobriam o seu corpo da cabeça aos pés.

Seraphim Ibn Shinfrim era um pobre artesão que trabalhava na fábrica de Abdul El Gulash. Recebia um salário miserável que apenas dava para comprar o essencial para a sua sobrevivência e a de sua família, mulher e 4 filhos. Come, em dias especiais de festa. Sua refeições se resumiam em pão, sopa de cebola, leite de camelo e eventualmente, queijo. Como não podia deixar de ser, tanto Seraphim quanto sua mulher e filhos eram esquálidos e pálidos.

Mas havia algo que unia os dois, Abdul e Seraphim: eles eram patriotas, amavam o faraó e acreditavam que todas as suas ordens eram divinas. Ao tomar conhecimento do édito do faraó,

disseram: "É isso mesmo. É preciso comer menos!" Abdul El Gulash chamou o seu mordomo e repondeu: "De hoje em diante, todas as comidas terão de sofrer um corte de 20%. 20% menos carnes, 20% menos frutas, 20% menos vinhos..."

Abdul El Gulash continuou a banqueteando-se, 20% a mais do que comia não lhe faziam falta. Quanto a Seraphim Ibn Shinfrim, consta que ele e sua família morreram ao serem punidos com um mês sem comida, por não conseguido comer 20% a menos do que comiam...



Qualquer semelhança entre este relato e fatos da vida real no Brasil moderno é mera coincidência.

Para melhor transmitir a fé aos nossos filhos

Descomplicando a fé

Helio Amorim

Editora Paulus

128 páginas - R\$ 10,00.

Pedidos à Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 714 - 30160-922 Belo Horizonte - MG

Tel. (031) 3273-8842

À venda nas LIVRARIAS PAULUS da sua cidade

Descoberto o truque! Que pena. Os mágicos sobem aos palcos para nos enganar. Aceitamos ser enganados, achamos graça e aplaudimos. Preferimos até que os truques não sejam revelados, para permanecer o clima de encantamento e magia.

MAQUIAGEM E MAGIA

Editorial

No caso da inflação estávamos fascinados com a apresentação da mágica da estabilidade. Há anos pagamos o mesmo preço pelo biscoito, o papel higiênico, o achocolatado, o sabonete, a pasta de dentes e outras utilidades do nosso cotidiano. Embora descontentes com o seu desempenho em tantas políticas equivocadas, acabávamos nos rendendo: "O governo lavrou um tento na estabilidade dos preços, temos que reconhecer. A mágica deu certo".

Mas alguém, de repente, desprezando o nosso prazer de ser enganados pelo mágico, resolveu desvendar o truque e desmistificar a trampa. Descobriu que os pacotes permanecem com mesmo preço mas o conteúdo foi diminuindo sem a gente perceber... O quilo virou oitocentas gramas, o sabonete minguou, a dúzia agora é de dez, remédios mudaram de embalagem e dosagem. O fundo falso da cartola que esconde o pombo, o espelho que torna invisível o automóvel, a armação de arame da levitação da parceira do mágico, tudo revelado. O espetáculo perdeu a graça, o

respeitável público não voltará à sessão de amanhã. Os mágicos entrevistados, ou depondo nos órgãos que tentam em vão defender o consumidor, eram tomados de uma gagueira contagiosa e insuportável.

Então, como ficamos? Serão refeitas as contas da inflação? Os salários serão reajustados pelo aumento real dos preços do papel higiênico e do cream cracker, agora desmascarados? E o salário mínimo?

Por outro lado, as agências reguladoras que tomariam conta das concessionárias de serviços públicos anunciam todos os dias autorizações de aumento de tarifa em todo o país. Informam que se trata de cláusulas contratuais das concessões, reguladas pela inflação. Qual inflação? A real, naturalmente, aquela que não tem truques. Assim ficamos sabendo que há duas inflações: a real e a maquiada.

Pedágios nas rodovias, preços da energia elétrica, dos combustíveis, dos transportes urbanos, dos correios... tudo avança

anunciada que a inflação estava contenida. Os preços no comércio não subiam há muito tempo. Só depois se percebeu que o conteúdo das embalagens, o peso do pacote, a quantidade de aditivos do remédio e tudo o que havia diminuído sem que a gente perceber...

uma inflação real, muito acima da inflação maquiada.

Alguns aumentos são necessários: os correios acabam de aumentar suas tarifas em percentuais que variam de 40% a 50%, na surdina, da noite para o dia. Talvez com a intenção semi-explicita de privatização da ECT, tornando-a mais atraente a investidores estrangeiros. A energia aumentada por causa da redução no consumo sob o risco do apagão.

Economizamos no consumo, com ameaças severas, e causamos uma drástica redução das tarifas das distribuidoras de energia. Para compensar suas perdas, muito simples: aumenta-se a tarifa. Ou seja, consumimos menos mas vamos acabar pagando mais, para que as empresas de energia não tenham prejuízo. As tarifas telefônicas baixam pela concorrência selvagem, mas, pelos anúncios fantásticos de publicidade, as empresas devem estar ganhando dinheiro. Além disso, não temos como



contestar as medições de impulsos telefônicos que aparecem nessas contas complicadas. Parece que pelo contrato das concessionárias, cabe não ao fornecedor mas ao consumidor provar que a conta está errada, o que é absolutamente impossível. Se não pagarmos pontualmente, a linha é cortada e será cobrada uma taxa salgada de religação, depois da nossa rendição e pagamento.

Essas regras são pouco discutidas e quase nada conhecidas. Por isso, nos conformamos e pagamos. Para quem reclamar? Está nos contratos das privatizações e concessões, é o que nos informam.

É com base nessa maquiagem da inflação e na mágica desmascaradas que o governo anuncia para o ano que vem o fantástico aumento de 3,5% para o funcionalismo, depois de sete anos de congelamento salarial, e define desde já o emocionante aumento de

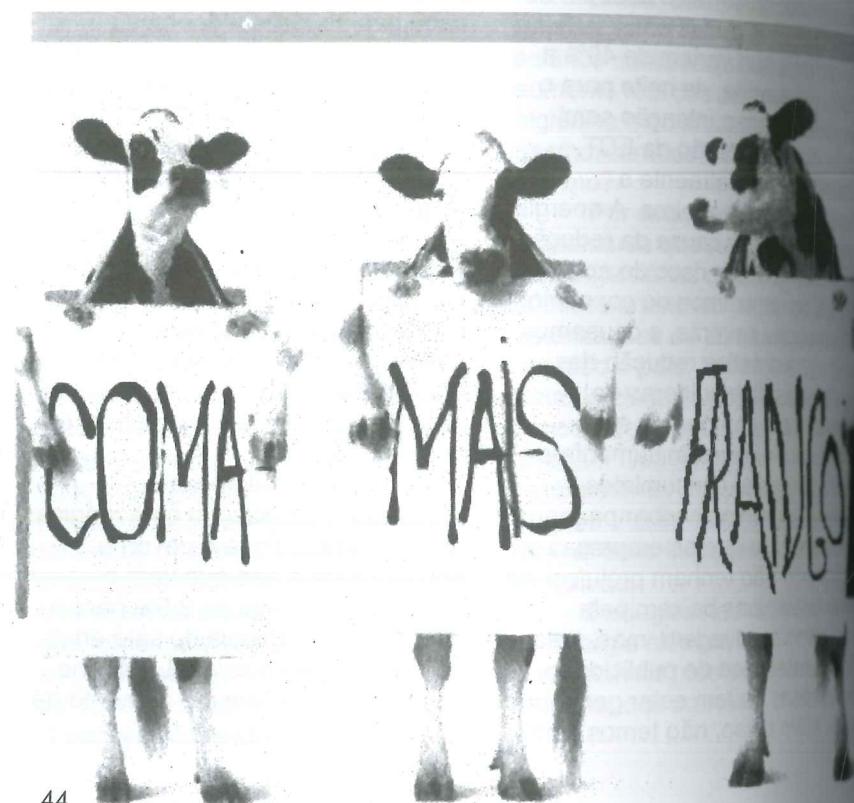
alguns centavos por dia no salário mínimo de 2002.

Com essa desordem de números sem lógica, aumentam as disparidades sociais, a pobreza engole 55 milhões de brasileiros e a violência aumenta. Ou ainda não perceberam que o povo já sabe da relação direta entre violência e desigualdade social, concentração de renda, salários irrisórios e desemprego, símbolos do sistema econômico vigente submisso ao deus mercado? Basta ler com atenção o noticiário policial. A filha seqüestrada do homem da TV, aquele outro apresentador de TV assaltado em São Paulo e inúmeras vítimas de violência começam agora suas entrevistas, depois do susto, culpando o modelo econômico.

Finalmente desvendada essa relação perversa, antes também maquiada pela incompetência policial, ainda que persistam outras causas do nosso medo.

Assim, estamos sendo iludidos por truques de falsos mágicos e maquiagem de falsas belezas na economia, também praticados no campo político, como se vê na comédia da construção do novo código de ética dos nossos parlamentares...

Que pelo menos não nos sufoquem a capacidade de indignação por ser tratados como ingênuos e alienados cidadãos, encantados pela magia de sorrisos em cadeia nacional de TV e pela maquiagem da feiura de espertezas desmascaradas.



foto

Uma impressante, reproduzida por todos os jornais do mundo, foi feita após o segundo ataque, pouco antes do desabamento das duas torres.

fato

Um dos mais horrores atos terroristas jamais praticados no mundo foi testemunhado em tempo real por toda a população do planeta, através das câmeras de TV de Nova York, no dia 11 de setembro de 2001.

razão

Não há justificativa para um ato sangrento e covarde que em minutos matou mais de seis mil pessoas. Buscam-se explicações: como uma nação tão rica e poderosa pode desenvolver tanto ódio para detonar ataques suicidas dessa envergadura? Talvez justamente por sua riqueza e poderio bélico, que leva muitos a verem como arrogante e prepotente, usando mísseis destruidores de vidas contra países que se opõem aos seus interesses políticos e econômicos. Reverter esse quadro exigiria que os enormes gastos de guerra se transformassem em programas de ajuda aos países mais pobres e famintos do mundo.

No caldeirão de mentira a busca da verdade

Milhões de brasileiros, maiores de 60 anos, foram vacinados contra a gripe. Ao mesmo tempo, em todo o país, era comemorado o aniversário da abolição da escravidão negra. Enquanto isso, manifestações, promovidas pela OAB e pela CNBB, revelaram que uma grande maioria do povo espera ver o Brasil vacinado de outra epidemia que assola o país: a corrupção.

Enquanto a Lei Áurea falava de liberdade, o que aconteceu foi o abandono de milhões de negros à sua própria sorte, sem indenização pelos trabalhos de toda a vida e sem nada para recomeçar. Atualmente, a elite que sempre mandou no país evita, por todos os modos, investigações que revelem a verdade. A maioria do povo já sabe: a corrupção e a mentira não estão apenas nas figuras públicas, surpreendidas com a mão na

massa, ou seja, no painel de votações do Congresso.

No passado, a ditadura militar nomeava um terço dos senadores quando um deputado ou senador incomodava demais o poder, o general de plantão o cassava. Atualmente, o país conta com um Congresso livremente eleito. Qual segredo que faz com que congressistas eleitos pelo povo votem em projetos contra o interesse dos seus eleitores? Fariam isso sem ser comprados?

Diariamente, o atual governo edita medidas provisórias, contrárias aos interesses da maioria do país. Como consegue aprová-las em um congresso "eleito"?

Os senadores continuam fazendo aos atuais violadores do painel do Senado, perguntas cujas respostas todos os brasileiros conhecem. Entretanto, de todos os recantos do país, surgem outras dúvidas: quantas vezes antes, aquele painel foi violado? A que autoridade superior, tais procedimentos interessam verdadeiramente?

O desejo da imensa maioria dos brasileiros conseguirá fazer com que o Senado aplique um castigo exemplar aos que enganaram o povo e mentiram a seus próprios

colegas? De que adianta, no entanto, esta medida, se a maré da corrupção e da mentira parecerá invadir palácios e tomar conta do coração do país? Até quando o governo usará todo tipo de recursos para impedir investigações sobre as dezenas de casos de corrupção das quais é suspeito?

Um ministro é acusado de se beneficiar com verbas destinadas a pessoas pobres do nordeste; o governo faz parceria com a Sudene e Sudam, que é uma roubalheira. Puniu a vítima e acabou de despojá-la, ao invés de processar os ladrões.

Houve um domingo de mobilizações, vigílias cívicas e manifestações populares contra a corrupção. Isto revelou que o povo quer mais do que apenas curar os sintomas da doença. Quer ir às raízes do problema: aprofundar uma cultura da verdade e da honestidade. Não vale a pena conviver com a impunidade e transformar a sociedade, de forma que ninguém rouba, porque se o roubar, a polícia o prende e ninguém

sabe porque seria apanhado pela polícia. É preciso descobrir outras mais profundas para se amar a verdade e ficar fiel à honestidade e à defesa do bem-comum.

O filósofo Olimpo Pegoraro cito: "Na antiga Grécia, Sócrates sustentava que a política é o conhecimento, o ápice da ética. A ética individual, moralidade da pessoa, desemboca na ética política, a política. A política é a ética que administra todas as coisas, a serviço da cidadania para o bem comum (JB 06/05/2001).

O que precisamos fazer para que a política seja sinônimo de "ética pública" e serviço ao bem de todos? Explicando a violação do painel, o ex-presidente do Senado invocou "razões de estado" para mentir. Que Estado é esse que precisa da mentira para sustentar-se?

Para mudar sua imagem de infrator a perseguido, o mesmo senador chegou a comparar-se a Jesus, condenado inocentemente. Além de desrespeitosa, tal comparação é um despropósito. Jesus foi condenado por um processo ilegal, feito durante a noite. O motivo da condenação foi Jesus trazer ao povo o reino de justiça, de verdade e de paz. Quando Pilatos o interrogou, Jesus não hesitou: "Vim ao mundo para dar testemunho da verdade e quem é da verdade, escuta a minha voz". E para quem tem dificuldade de sustentar a verdade, Ele continua: "A verdade vos libertará" (Jo 8, 35).

* Monge beneditino, escritor, com inúmeros livros publicados.



Não fique assim tão sério

O nome

O professor se chamava Heitor Belfor Ramos. Os alunos caçoavam: "Professor Forramos"...

Ele resolveu abreviar o nome e passou a assinar Heitor B. Ramos. A caçoada recomeçou: "Professor Berramos..."

O melhor, pensou ele, é acabar com esse nome do meio. Passou a se apresentar como Heitor Ramos.

Não adiantou. Agora o chamavam: "Professor Torramos..."

Desesperado, abreviou o nome de vez: H. Ramos. Continuou a chacota: "Professor Agarramos..."

Hoje ele ficou mesmo reduzido a Professor Ramos...

Jogando golfe

Moisés, Jesus e um velhinho de barba estão jogando golfe. Moisés pega seu taco e manda a bola. Ela sobe numa bela parábola e cai diretamente dentro do lago. Moisés não se aperta, levanta o taco e as águas se abrem, deixando-lhe a passagem para dar uma nova tacada.

Em seguida é a vez de Jesus. Ele pega seu taco e, numa parábola perfeita (afinal, parábola é sua especialidade), manda a bola no lago, onde cai numa vitória-régia.

Sem se abalar, Jesus caminha sobre a água até a bola e dá a tacada seguinte.

Então, o velhinho pega seu taco e, num gesto de quem nunca jogou golfe na vida, manda a bola em cima da cerca. A bola acaba pulando sobre um caminhão e cai numa árvore. Da árvore cai no telhado de uma casa, rola pela calha, segue pelo ralo, vai até a boca-de-lobo de onde é lançada num canal, que a manda para o acima mencionado. Chegando no lago, esbarra numa pedra e pula para a margem onde finalmente pára. Um grande sapo, que está de lado, engole a bola. E de repente, do céu baixa um gavião que pega o sapo com a bola, voa por cima do campo de golfe, e o sapo acaba vomitando a bola, que cai perfeitamente dentro do buraco.

Moisés se vira para Jesus e diz: "Por isso é que eu não gosto de jogar com o seu Pai..."

Diálogo silencioso...

Num encontro de casais separaram os maridos das esposas e perguntaram às mulheres: "Há quanto tempo seu marido não lhe diz: 'Eu te amo'?" Uma delas respondeu: "Há 40 anos".

A pergunta feita aos homens era a inversa: "Há quanto tempo

ele não diz à sua mulher que a ama?" O marido daquela senhora respondeu: "Há 40 anos". Mas logo respondeu: "Naquele dia eu lhe disse que a amava e que se alguma vez tivesse de idéia eu lhe diria..."

"Mas Mariazinha, o saci-pererê não existe, é apenas uma lenda, você não precisa ter medo! E você, Joãozinho, do que você tem mais medo?"

"Do Mala Men, professora".

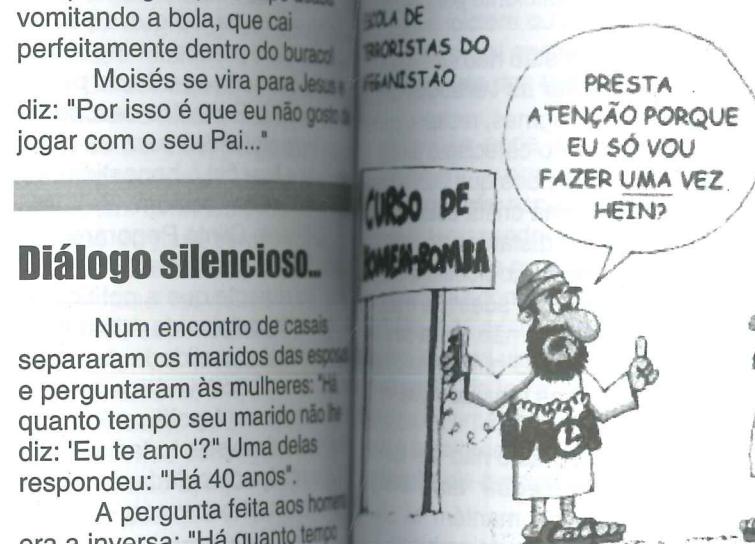
"Mala Men? Nunca ouvi falar. Quem é esse tal de Mala Men?"

"Quem é eu também não sei, professora, mas sempre quando reza de noite minha mãe diz: *não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do Mala Men*".

Telefonema

Uma esposa furiosa telefona para o escritório do marido. "O João Alberto está?" Do outro lado alguém responde: "Não conheço ninguém com esse nome".

Ela arremata: "Sorte a sua!"



Antes de responder de forma positiva à pergunta sobre o ser cristão, é necessário desfazer equívocos, falsas ou insuficientes definições do cristianismo.

Ser cristão não é simplesmente...

1 - Ser cristão não é simplesmente **fazer o bem e evitar o mal**. Há muitas pessoas honestas que trabalham para construir um mundo melhor e tentam lutar contra a corrupção e a injustiça. São movidas por motivos nobres e uma ética humanitária. Sem embargo, apesar de suas contribuições positivas e seus valores humanos, nem por isso podem ser propriamente chamadas de cristãs.

2 - Ser cristão não é simplesmente **crer em Deus**. Judeus e maometanos, budistas e hindus, bem como membros de outras religiões da humanidade, crêem em Deus, origem e fim último de tudo, mas não crêem em Jesus Cristo. Por mais que suas vidas e seus esforços sejam orientados pelo amor providente de Deus e pela força do Espírito, não podem ser chamados de cristãos.

3 - Ser cristão não consiste simplesmente em **celebrar determinados ritos**. Qualquer

religião possui cerimônias e ritos simbólicos, pois do contrário se converteria em mero intelectualismo ético para minorias. Não basta rituais marianos, guardar dias santos, para poder ser identificado como cristão. Os fariseus do tempo de Jesus eram muito fiéis aos ritos e no entanto Jesus os denunciou como hipócritas (Mt 23). O rito é necessário, mas não suficiente para ser cristão.

4 - Ser cristão não se limita a **aceitar as verdades de fé**, crer em dogmas, recitar o credo e saber o catecismo de cor. Muitos dos que professam a doutrina cristã estão, na prática, muito distantes do evangelho. É necessário aceitar a fé da Igreja, conhecer suas leis e preceitos, mas isto não basta para ser cristão. O cristianismo não é apenas uma doutrina.

5 - Ser cristão não se identifica com **seguir uma tradição** que se mantém há séculos em determinado ambiente. Toda

religião na América Latina significa uma clara atitude de repúdio e denúncia da realidade latino-americana, já que é um pecado e contrária aos ensinamentos de Deus.

religião reconhece a importância do peso da história, mas o cristianismo não é simplesmente uma cultura, folclore ou arte, costume imemorial que se transmite através dos tempos.

Ser cristão não pode consistir unicamente em **preparar-se para a outra vida**, esperar o além, desinteressando-se das coisas do presente ou limitando-se a suportá-las com sofrida resignação. A fé cristã afirma a existência de uma vida eterna e a consumação da terra, mas a esperança de uma terra nova não deve amortecer a preocupação de **transformar e**



mudar esta história (GS 39). Por isso não se pode dizer cristão quem se exime das preocupações históricas com a desculpa do céu futuro.

Ser cristão não se identifica com nenhuma dessas posturas ou outras semelhantes. Algumas são anteriores ao cristianismo (fazer o bem, crer em Deus), outras admitem elementos necessários, mas não suficientes (celebrar ritos, aceitar verdades), outras são mutilações do cristianismo (reduzi-lo a uma tradição ou à espera dos bens eternos).

Seguramente a contradição do cristianismo latino-americano

provém da identificação de muitos cristãos com algumas destas formas inadequadas de cristianismo. O ressurgir da Igreja latino-americana liga-se a uma visão mais autêntica do ser cristão.

Algumas características do seguimento de Jesus Cristo hoje na América Latina

1 - Ser cristão na América Latina hoje supõe uma **mudança de atitude**, já que não é possível prolongar por mais tempo a situação de uma fé que encobre a injustiça social servindo de instrumento de dominação para uns poucos e de resignação para a maioria. **Esta mudança de atitude** supõe uma conversão de coração, de

mentalidade e, sobretudo, de prática cristã. Poderíamos resumir essa conversão como a passagem de uma religiosidade meramente sociológica a uma meramente pessoal; de uma religiosidade meramente conceitual e doutrinal a uma fé vital e existencial; de uma religiosidade espiritualista a uma fé integrativa; de uma religiosidade histórica, de uma religiosidade individualista a uma religiosidade de uma religiosidade neutra a uma fé comprometida e solidária com os setores populares e empobrecidos.

2 - Ser cristão na América Latina significa uma clara atitude de repúdio e denúncia da injusta realidade latino-americana, já que ela é um pecado e contraria aos planos de Deus.

(Extraído de "Ser Cristão na América Latina - Victor...")

O desafio de ser oceano

Diz-se que, mesmo antes de um rio cair no oceano, ele treme de medo. Olha para trás, para toda a jornada: os cumes, as montanhas, o longo caminho sinuoso através das florestas, através dos povoados, e vê à sua frente um oceano tão vasto que entrar nele nada mais é do que desaparecer para sempre.

Mas não há outra maneira. O rio não pode voltar. Ninguém pode voltar. Voltar é impossível na existência. Você pode apenas ir em frente. O que precisa se arriscar e entrar no oceano. E somente quando ele entra no oceano é que o medo desaparece, porque apenas então o rio saberá que não se trata de desaparecer no oceano. Mas tornar-se oceano. Por um lado é desaparecimento e por outro lado é renascimento. Assim somos nós. Voltar é impossível na existência. Você pode ir em frente e se arriscar. Coragem! Torne-se oceano. (Autor Desconhecido)

De repente a cidade se encheu dessas partes da anatomia feminina. Blusas ficaram mais curtas e saias ou jeans foram rebaixados até o limite do pudor vigente, para exibir barrigas e umbigos. Em alguns destes foram aplicados uns "brincos" que provocam certa aflição nos observadores dessa moda, pelo incômodo que parecem causar ao delicado umbigo.

Barrigas & umbigos

Helio e Selma Amorim*

Por respeito à estética social, as barrigas exibidas nas avenidas são quase sempre jovens ou adolescentes, mas há algumas barrigas mais maduras. Algumas pela idade, outras pelo volume aumentado em "estado interessante", como antigamente, quando a barriga era cuidadosamente escondida por batas e vestidos longos. Hoje, a volumosa barriga de fim de gravidez é exibida orgulhosamente pelo mundo das ruas, e pelo biquíni das praias. Justifica-se o orgulho maternidade, naturalmente, embora a exibição da barriga não seja necessária para isso. Mas tudo bem...

Até aí a observação crítica social aprovadora ou desaprovadora da moda seria puramente estética. O que preocupa agora o observador atento é a barriga grávida de meninas e adolescentes, cada vez mais comuns no cenário da cidade. Percebe-se que pertencem geralmente a uma certa classe social desfavorecida e menos informada. Muitas delas são meninas de rua, que dormem em grupos nos jardins ou sob marquises da cidade. A gravidez nessa convivência é quase inevitável. Nas classes médias a informação sobre sexo e concepção é mais difundida e é fácil o acesso a contraceptivos e preservativos, embora também por lá a ignorância

ainda seja muito grande. E nessas classes, é comum o cochicho sobre abortos discretos em clínicas caras.

O fenômeno da gravidez precoce é então claramente percebido pelo mais desatento observador. Mas sua extensão depende de investigações mais cuidadosas. Estatísticas indicam a crescente ocorrência da gravidez de adolescentes e jovens entre 15 e 19 anos. Pela pesquisa anual (PNAD) do IBGE de 1999, ficamos sabendo que um entre cinco partos realizados naquele ano, foram de mães nessa faixa de idade. Mas na pesquisa deste ano, ainda em curso, vai ser pesquisada a ocorrência de gravidez em meninas de 10 a 14 anos. É nessa faixa que o fenômeno agora mais visível é inquietante.

Alguns dados no Rio de Janeiro já impressionam. O Instituto Fernandes Figueira, especializado em apoio à maternidade, atende 30 adolescentes entre 10 e 14 anos cada semana. Dentre as assistidas, 18 são portadoras do vírus HIV que pode ser transmitido ao bebê. Nos bairros da zona oeste do Rio, das 7200 mulheres grávidas, 30% são adolescentes dessa faixa de idade. Partos dessas adolescentes passaram de 450 em 1998 para 900 em 2000, uma progressão geométrica impressionante.

São relatados com alguma freqüência casos de gravidez de meninas seduzidas ou estupradas pelo padrasto ou outro membro da família, às vezes em estado de embriaguez ou drogados. Problema dos mais dramáticos e desestruturantes do grupo familiar. Ainda que não sejam situações tão

chocantes quanto essa, a repercussão da gravidez e dos filhos adolescentes sobre a sua vida pessoal e familiar, e na sociedade, é muito grande. Começa com a interrupção dos estudos da menina, se a família é pobre e não há creches suficientes. O bebê que chega costuma ser, na verdade, uma espécie de filho temporário das avós, com os problemas que isto representa na família da favela ou cortiço, sem espaços para expansões tardias. Se o filho é assumido pelo jovem pai e uma união consensual se estabelece, surge uma nova família com precárias condições de estabilidade pelas condições sociais e econômicas geralmente adversas, que se soma a falta de maturidade dos atores, com belas exceções, naturalmente.

O caso extremo é o da população de rua. Dói ver mães adolescentes sentadas na grama de parques públicos dando mamadeira para minúsculos bebês, sob as vistas desatentas de outros meninos, um dos quais pode ser o pai.

Surgem então os questionamentos: aceitar esse fenômeno como sinal dos tempos contra o qual nada se pode fazer, criar então melhores condições de atendimento pré-natal, mais creches com berçários e boa alimentação, e centros de orientação familiar para solucionar ainda que em parte os problemas decorrentes da gravidez precoce? – ou considerá-lo uma questão social problemática com tendência crescente a ser revertida. Nesse caso, como?

O primeiro passo para a abordagem do fenômeno seria identificar suas causas remotas e imediatas.

Logo surgem algumas questões. A valorização da sexualidade contra os tabus sexuais que a demonizavam gerou um permissivismo sexual sem limites, nesse movimento pendular, em que se deverá chegar ao equilíbrio ainda distante.

A palavra antiga "namorar" foi substituída por "ficar", que supõe relações excitantes, controláveis ou não. Os meios de comunicação social são os principais atores dessa exacerbção de um tipo de erotismo distorcido e esvaziado do seu conteúdo humanizador. A sexualidade acaba desvinculada de sua expressividade afetiva, reduzida à busca de um orgasmo que acalme a excitação sexual provocada pela encadeira do "ficar".

Por outro lado, a ignorância sobre a fisiologia do aparelho reprodutivo e os riscos de doenças sexualmente transmissíveis, o desconhecimento e a dificuldade, para muitos, de acesso a conservadores, são alguns dos fatores que levam à gravidez precoce e aos preocupantes riscos à saúde.

Sobre uma ética sexual, já cabem referências, com a radical mudança de paradigmas dessa questão.

Ora, é justamente por aí que está a busca de uma possível versão de tendências.



A educação para uma sexualidade humanizadora, a formação da consciência ética para a prática sexual como expressão intensamente prazerosa de afeto e ternura, a recuperação de valores realmente humanos da sexualidade através de uma orientação sexual não castradora mas tampouco reducionista, são passos essenciais.

Nessa moldura é que deve entrar o quadro da chamada "educação sexual" tentada nas escolas ou em programas de governo, geralmente limitados às indicações da biologia e da medicina, em si mesmas insuficientes.

Conhecidas as limitações e ineficiência de governos nessa questão, as igrejas e seus movimentos e institutos familiares encontrariam nesse desafio um campo privilegiado de atuação humanizadora, com imensos benefícios sociais.

* Editores de Fato e Razão.
Texto publicado na REDE.

POBRES perigosamente perigosos

Pedro Lima Vasconcellos* e Rafael Rodrigues da Silva**

No final do século passado, nos inícios da República, aquela que mudou tudo para manter tudo do mesmo jeito, deputados discutiam seriamente se os segmentos pobres da população, ex-escravos, sub-empregados ou desempregados, gente moradora de cortiços não deveriam ser de uma vez classificados como "classes perigosas", perniciosas, malfeitoras em potencial.

Diz um documento da época: "as classes pobres [...] são [as] que se designam mais propriamente sob o título de – classes perigosas –". Lima Barreto, alguns anos mais tarde, escreveria a respeito das convicções da polícia: "todo cidadão

de cor há de ser por força um malandro". Expressões eloquentes a mostrar o autoritarismo e a violência de uma sociedade que caminhava célere, assim diziam seus governantes e elites, rumo à modernização, vencendo os focos de atraso, etc., etc., etc.

No fim do ano passado, a secretaria de educação do estado de São Paulo, instada a se explicar a respeito da queda na qualidade do ensino (como foi possível cair mais ainda?), afirmou, para depois ter de se consertar, não porque pensasse diferente, mas porque "pegaria mal" que tal queda é devida à política de inclusão de tantas crianças pobres no seio da escola pública.

Fala isso supondo que somos cegos, surdos, que não vemos nem ouvimos falar das filas intermináveis para se conseguir vagas nas escolas, bem como de tanta gente que não a conseguiu. Mas o que importa aqui é que a culpa é dos pobres. Não estivessem eles na escola (ela não disse assim, mas só ler com atenção...) e esta seria um primor. (Ao mesmo tempo, em entrevista a uma rádio, um professor da mesma rede pública comandada por tal secretaria, diz que sua

matemática, estava com sua carga horária reduzida à zero, processo semelhante ao das outras disciplinas já mencionadas...).

Passou-se um século e os vencimentos não mudaram, permaneceram-se até, embutidos em nomes de nome chique como modernização, desenvolvimento, mobilidade, etc., etc., etc.

Mas para o paciente leitor e leitora não se cansar, vamos à última informação: a sua secretaria, comentando o possível remanejamento que está sendo feito junto aos diretores das escolas públicas para queiram trabalhar naquelas mais pobres, nas periferias urbanas, diz que eles já estavam comendo um "adicional de periculosidade". Sim, senhor e senhora de periculosidade. São ou não perigosos os pobres? São ou não marginais as crianças e adolescentes de nossas periferias?

Pobres, inevitavelmente perigosos. Perigosos porque marginalizados. Perigosos porque

Como Jesus se relacionou com os pobres? O que disse dos ricos? Como entender a afirmação de Jesus: "o evangelho é anunciado aos pobres"? O que significa a palavra "evangelho"? Para quem o anúncio do Reino é uma "boa notícia"? O que podemos fazer para minorar o sofrimento dos pobres mais pobres em nossa cidade?

destituídos da cidadania que lhes foi roubada. Perigosos porque se atrevem a tecer alternativas. No tempo da Bíblia não foi diferente. Situações as mais variadas em que as elites violentavam os pobres e os apresentavam como perigo, como atraso, se encontram em muitas de suas páginas. A apocalíptica de Daniel expressa bem o perigo que a gente pobre representa: ela se atreve a sonhar. Ousa tecer alternativas, em que a estátua símbolo do autoritarismo imperial secular rui pela ação de uma pequena pedra (Dn 2). Pretende transformar suas utopias em realidade, o que causa tremores e temores de todo tipo nas elites carrancudas, sempiternamente seguras em seu poder e arrogância. Urge estar atento a manifestações similares que teimam em continuar a aparecer...

*Doutorando em Ciências Sociais.

**Mestre em Ciências da Religião. Assessores do CEBI-SP, professores da PUC-SP, Instituto Teológico Pio XI, Instituto do Sagrado Coração.

lutas de pintores famosos foram roubados da mansão da família paulista dos empresários e banqueiros muito conhecidos. Valor confessado: 10 milhões de dólares. A polícia conseguiu encontrar e prender o ladrão. A polícia do industrial banqueiro foi à delegacia buscar os quadros roubados. Disse aos repórteres: "Nem conseguia dormir. Esses quadros comprados com muito suor". (Adivinhe: suor de quem?...)

Torcidas que dividem

Certos movimentos católicos promovem "torcidas de Deus" e distribuem camisetas e adesivos com a frase: "Eu tenho orgulho de ser católico".

Por todo o mundo, exarcebam-se regionalismos e fundamentalismos religiosos que provocam guerras. Torcedores hostilizam partidários de outro time. Todas essas atitudes não favorecem a paz.

Por isso, é mais importante que o nosso orgulho seja, principalmente, o de sermos pessoas humanas e humanizadas, irmãos de toda a humanidade, qualquer que seja a religião, a cultura ou o time de futebol das pessoas.

O "orgulho" de ser católico, que o eslógã promove, pode não ter nada de arrogante, de triunfalista ou de sectário. Em momentos de confusão ideológica é natural que as pessoas tendam a fortalecer seu sentido de pertença a um clube ou comunidade. Entretanto, o termo católico significa universal, no sentido de universalista, oposto a qualquer tipo de sectarismo. É sinônimo de ecumênico. Tertuliano, autor do século II, dizia: "Nada do que é humano pode ser estranho ao cristão".

Um dos maiores pensadores cristãos do século XX foi o pastor luterano Dietrich Bonhoeffer, vítima dos nazistas em 1945. João Paulo II se referiu a ele como "testemunha do Cristo por seu martírio".

Na prisão de Tegel, o pastor já marcado para morrer, escreveu a parentes e amigos cartas, posteriormente reunidas no livro "Resistência e submissão". Uma das questões mais presentes nessas cartas era: "Como o Cristo pode tornar-se também o Senhor dos não-religiosos em um mundo 'emancipado' da necessidade de Deus para sobreviver?"

Bonhoeffer constatava que um mundo mais desenvolvido buscava superar uma visão de Deus "tapa-buraco-para-os-problemas-que-a-humanidade-não-podia-resolver".

Quanto mais progride a técnica, menos necessidade as pessoas sentem de recorrer a Deus para intervir nas questões de salvo de clima ou de futuro para a paz do mundo. Religiosos denunciam esta nova realidade como perigosa. Um mundo sem Deus lhes pareceria loucura. Em seu tempo, o pastor Bonhoeffer, teólogo e especialista do Evangelho de João, estando na prisão, pronto para dar a vida pelo

Evangelho, comentou que se sentia feliz por poder ser Deus, não uma necessidade do mundo mas, sim, uma escolha livre e amorosa das pessoas que crêem.

Desenvolveu textos demonstrando como o Deus da Bíblia nunca se impôs a ninguém e não entra em concorrência com a evolução da humanidade. Ao contrário, na pessoa de Jesus, revelou-se frágil e impotente para seu parceiro escolhido por amor e não por medo ou necessidade.

Bonhoeffer acreditava que, no mundo atual o cristianismo deve informar a missão de ser sal e luz.

Precisa não se fechar em uma organização sacral e não se contentar com dialogar apenas com pessoas religiosas. O Reino de Deus, prometido no Evangelho, é mundo. Não se esgota nas realidades terrenas, mas deve começar aqui.

Jesus não ensinou aos discípulos a orar: "Pai nosso, levai-nos para o Reino". Mandou pedir: "Venha a nós (aqui) o teu Reino".

Propõe aos cristãos inserirem-se na história e nos conflitos da vida e não engajarem-se em uma religião sentimental, de certa forma egocêntrica e narcisista, com

engajamento apenas para o sobrenatural, a moral individual e a vida após a morte. "O Reino de Deus está no meio de vocês". (Lc 12:1).

Em dezembro de 1944 o pastor escreve: "Nossa relação com Deus não deve ser apenas uma

ligação religiosa com o ser mais alto, o mais poderoso que se pode imaginar. A fé consiste em uma nova vida 'voltada aos outros', testemunhando o tipo de vida que Jesus viveu e nos propôs.

A espiritualidade cristã não trata de tarefas infinitas e inacessíveis ou apenas do culto e cerimônias religiosas. A gente encontra Deus no próximo que é posto em nosso caminho".

Ser cristão, católico ou evangélico, não é motivo para orgulho ou para exibição de "carteirinha de sócio" porque é pura graça de Deus.

Entre os primeiros cristãos, uma comunidade na Galácia se dividia em grupos que se vangloriavam, cada um, de ser o mais fiel e observante ao Evangelho. São Paulo lhes escreveu: "Quanto a mim, Deus me livre de gloriar-me, a não ser da Cruz (exinanitio, isto é, apagamento) de nosso senhor Jesus Cristo, por quem o mundo (como sistema social contrário ao projeto de Deus) está crucificado para mim e eu para o mundo. Não importa ser judeu ou ser pagão, circunciso (observante) ou incircunciso. A única coisa que conta é ser uma nova criatura". (Gl 6,14-15).

*Monge beneditino, autor de 24 livros, entre os quais, o romance "A festa do pastor". Ed. Rede. Fax: (62) 3721135. Email:mostanun@uol.com.br

"Quem diz que ganhar ou perder não importa, provavelmente perdeu".

(Martina Navratilova).



Teste de Einstein

Há cinco casas de diferentes cores. Em cada casa mora uma pessoa de nacionalidade diferente. Estes cinco proprietários bebem diferentes bebidas, fumam diferentes marcas de cigarros e têm certo animal de estimação, cada um diferente dos demais. Nenhum deles têm o mesmo animal, nem fuma o mesmo cigarro ou bebe a mesma bebida. Assim:

- O inglês vive na casa vermelha;
- O sueco tem um cachorro;
- O dinamarquês bebe chá;
- O norueguês vive na primeira casa;
- O alemão fuma Hilton;
- A casa verde fica à esquerda da casa branca;
- O dono da casa verde bebe café;
- A pessoa que fuma Hollywood cria pássaros;
- O dono da casa amarela fuma Free;
- O homem que vive na casa do centro bebe leite;
- O homem que fuma Carlton vive ao lado de quem tem um gato;
- O homem que tem um cavalo vive ao lado de quem fuma Free;
- O homem que fuma Derby bebe cerveja;
- O homem que fuma Carlton é vizinho do que bebe água;
- O norueguês vive ao lado da casa azul.

Pergunta-se: quem tem um peixe?

Einstein escreveu este teste no início do século. Tem solução, naturalmente. Ele disse que 90% da população mundial não consegue resolvê-lo! Será? Nós ainda não conseguimos... Tente! - e mande-nos a resposta.

Sabedoria precoce. Um caminhão tipo "baú" tentou passar sob um pequeno viaduto, muito baixo, numa estrada do interior, e acabou ficando preso, imprensado nas vigas, por causa de uns poucos centímetros. Vieram os mecânicos, chamaram um engenheiro da empresa, mas nada de soltar o caminhão. Um menino da roça assistiu tudo sentado numa pedra, calado, matutando. Então disse para os técnicos: "Não dá pra esvaziar um pouquinho os pneus?" O caminhão seguiu viagem...

Sabedoria ao alcance de todos...

Escolha sempre o melhor

aceitar a reclamação ou mostrar o lado positivo da vida.

"Certo, mas não é fácil", argumentei.

"É fácil", disse-me João. "A vida é feita de escolhas. Quando você examina a fundo, toda a situação sempre há uma escolha. Você escolhe como reagir às situações. Você escolhe como as pessoas afetarão o seu humor. É sua a escolha de como viver a sua vida."

Eu pensei sobre o que João disse, e sempre lembrava dele quando fazia uma escolha.

Anos mais tarde soube que João cometera um erro. Deixando a porta de serviço aberta pela manhã, foi rendido por assaltantes. Dominado, enquanto tentava abrir o cofre, sua mão, tremendo pelo nervosismo, desfez a combinação do segredo. Os ladrões entraram em pânico e atiraram nele.

Por sorte ele foi encontrado a tempo de ser socorrido e levado para um hospital.

Depois de 18 horas de cirurgia e semanas de tratamento intensivo, teve alta, ainda com fragmentos de balas alojadas em seu corpo.

Encontrei João mais ou menos por acaso. Quando lhe

perguntei contou-me o que havia acontecido.

"Quer ver minhas cicatrizes?"

Recusei ver seus antigos ferimentos mas quis saber o que havia passado em sua mente na ocasião do assalto.

"A primeira coisa que pensei foi que deveria ter trancado a porta de trás", respondeu. "Então, deitado no chão, ensanguentado, lembrei que tinha duas escolhas: poderia viver ou morrer. Escolhi viver.

"Você não estava com medo?", perguntei.

"Os paramédicos foram ótimos. Eles me diziam que tudo ia dar certo e que eu ia ficar bom. Mas quando entrei na sala de emergência e vi a expressão dos

- ❖ *O estado de espírito, o otimismo ou o pessimismo, a fé ou a falta de esperança, a alegria ou o mau humor - têm influência em cada situação que enfrentamos em nossas vidas?*
 - ❖ *Esse episódio aponta para nós alguma mudança de atitudes?*
 - ❖ *Quem acredita que a bondade e a maldade, a alegria e a rabugice, a esperança e o desespero, são sentimentos contagiosos? Qual desses serão os bons contágios?*

O Cardeal Aloísio Lorscheider declara em Roma, em entrevista à revista francesa "La Croix" que o Papa "é prisioneiro dos círculos que estão ao seu redor e não lhe dão apoio". Disse que João Paulo II fez muitos esforços para mudar as coisas mas não conseguiu. Dom Aloísio quer que a Santa Sé ouça mais os bispos para que eles possam oferecer um trabalho melhor ao povo. "As decisões do Concílio Vaticano II não são aplicadas e todos sofremos, na Terra, de uma burocracia longínqua cada vez mais surda", disse o cardeal. (O Globo, 21/05/01).

médicos e enfermeiras, fiquei apavorado. Em seus lábios eu lia: 'esse ai já era'... Decidi então que tinha que fazer algo."

"O que fez?", perguntei.
"Bem, havia uma enfermeira que fazia muitas perguntas. Me perguntou se eu era alérgico a alguma coisa. Eu respondi que sim. Todos pararam para ouvir a minha resposta. Tomei fôlego e gritei: 'Sou alérgico a balas de revolver!' Entre as risadas lhes disse: 'Eu estou escolhendo viver, operem-me como um ser vivo, não como morto!'"

João sobreviveu pela persistência dos médicos, mas também graças a sua atitude.

Aprendi que todo dia temos a opção de viver plenamente.

nuovo misto!

O lixo

Rubem Alves*

Minhas netas: vocês já
brincaram em brincar com lixo? Eu
nunca havia pensado! Lixo é coisa
muito nojenta, não é coisa com que
se brinque! Pois eu me levantei hoje
com vontade de brincar com o lixo.
eu mesmo! Doideira? Ao final
desse verão que doido não sou eu...
é que assim: fui andando pela
rua, prestando atenção em todos
os objetos e anotando num caderno
os que vão se transformar em

Lixo é tudo aquilo que não
serve para nada, que não é para ser
descartado, que deve ser jogado fora.
Na minha casa há muitos objetos
que nunca jogarei fora. Dependendo
de mim nunca virarão lixo: meus
livros, meus CDs, meus quadros,
fotografias de pessoas queridas,
objetos de arte, objetos que
representam a pessoas que amo,
como aquelas duas taças de cristal,
uma vermelha, a outra azul, que
vêm da minha mãe...

Outros objetos, entretanto, tiveram um destino certo: o saco de lixo. Comecei no banheiro: escovas de dentes, aparelhos de barbear, tubos de pasta de dente, fio dental, embalagens plásticas de shampoos, creme de remédios, papel higiênico. Continuei a fazer minha lixeira no quarto: lâmpadas, pilhas dos variados tipos, tênis, sapatos, roupas. Na cozinha a lista ficou completa: embalagens plásticas dos variados produtos de limpeza,

embalagens de adoçantes, de leite, de sucos, de catchup, arroz, fubá, doritos, sucrilhos, aveia, macarrão, maizena, nescau, margarina, manteiga, danone, de sopas prontas, garrafas plásticas de água mineral, de coca-cola, de guaraná, de vinagre, latas de refrigerantes, de cerveja, de azeite, de óleo, de sardinha, de atum, de massa de tomate, de molhos, garrafas de vidro das mais variadas formas, montes de sacos de papel, de sacos de plástico, de jornais e os próprios sacos plásticos onde se guarda o lixo. No escritório: esferográficas, papéis usados. Na sala: garrafas de Jack Daniels, de vinhos, de licores, guardanapos. Na garagem: os pneus do carro e o próprio carro, que vai ficar velho e será vendido para um ferro-velho.

Lixo a gente põe nos sacos de lixo, vêm os lixeiros, põem os sacos de lixo em caminhões, e o lixo desaparece da nossa vista. Desaparece da nossa vista mas não desaparece de verdade porque nada no mundo desaparece. O lixo vai para um outro lugar, longe dos olhos. E a montanha vai crescendo, crescendo, sem parar. Até quando as montanhas de lixo poderão crescer?

Imagine, agora, que milhões ou mesmo bilhões de pessoas estão produzindo lixo sem parar e livrando-se dele por meio de sacos de lixo. Faz uns dias tive a alegria

rara de ouvir um homem inteligente e tranqüilo dando uma entrevista na televisão. Seu nome é Washington Novaes, jornalista. Falou sobre o problema do lixo. Disse que os cálculos já haviam sido feitos: o lixo que se produz diariamente no mundo corresponde a um quilo de lixo por pessoa. Isso, evidentemente, é uma média. Se você não sabe o que é "média" pergunte ao seu pai ou ao seu professor. O fato é que há pessoas que não produzem lixo algum, enquanto há outras que produzem muitos quilos de lixo. Você quer saber quanto de lixo é produzido diariamente no mundo? Faça o cálculo. Quantos são os habitantes do mundo? Cada um deles produzindo um quilo de lixo... Divida por mil: você terá o resultado em toneladas. Peça a um professor - preferencialmente o professor de ciências - para fazer um cálculo do tamanho da montanha de lixo produzido diariamente. Agora, multiplique por 365: você terá o tamanho da montanha de lixo que é anualmente produzida pelo progresso. Sim, sim! Pelo progresso. Porque é o progresso que produz lixo. Todos os objetos que, no meu apartamento, vão se transformar em lixo, são produzidos pelo progresso. Sem o progresso eles não existiriam. O progresso, assim, é um bicho muito curioso: olhado de frente ele é colorido como um periquito calepsita e canta bonito como um sabiá. Mas não vá espiar o seu traseiro: dele saem incalculáveis montanhas de fezes...

Não me esqueci não. Prometi a vocês, faz tempo, que iria contar como era o mundo em que

eu vivi, quando menino. Falei sobre o "lixão" (mil vezes mais terrível que o "apagão") só para dizer a vocês que lá na roça onde eu vivi não havia lixo não. Porque não havia essas coisas que o progresso produziu e que vão se acumulando... Havia coisas que a gente jogava fora, sim. Mas elas eram biodegradáveis. Imagino que vocês nunca ouviram essa palavra "Bio" vem do grego "bios", que quer dizer "vida". Biodegradável é aquilo que pode ser "comido" pela vida aquilo que é alimento para a vida. Por exemplo: as folhas mortas, numa floresta, são comida para o solo. O solo come as folhas mortas e elas, as folhas mortas, se transformam em fertilidade para o solo. Do solo assim fertilizado nascem outras árvores. A natureza tem esse poder maravilhoso de transformar a morte em vida. A Adélia Prado - é preciso que vocês leiam os poemas da Adélia - escreveu assim: "Eu sempre sonhei que uma coisa gera, nunca nada está morto. O que não parece vivo aduba. O que parece estático, espera."

Os bichos eram os maravilhosos processadores das sobras de comida. Dentre eles os mais eficientes eram os porcos. Os porcos comiam qualquer coisa: sabugos de milho, cascas de abóbora, sobras de mandioca, xuxus, inhames, jilós... Pobrezinhos, nada sabiam do seu destino. Comiam, engordavam - sem imaginar que seriam transformados em linguiças, lombos, toucinho, torresmo e costelinhas. As nossas sobras eram transformadas em comidas para os porcos que, por

FOTOS: SERGIO DUTTI



garrafas, por exemplo. Mas não eram jogados fora. Eram guardados, lavados e vendidos. Vidros eram vendidos a farmácias que os usavam de novo. E as garrafas eram vendidas a armazéns. Desta forma, aquilo que entre nós é jogado fora e contribui para aumentar as montanhas de lixo, lá no mundo em que eu vivia continuava a ser usado; não virava lixo. Latas vazias eram raras e preciosas. Latas de massa de tomate eram transformadas em canequinhas para tomar café. Latas maiores eram usadas para guardar coisas ou como vasos onde se plantavam flores e folhagens. Malva perfumada, por exemplo. Num mundo de pobreza nada se joga fora. Tudo é precioso. Tudo tem de ser usado de novo.

Chegará um dia, eu penso, em que as montanhas de lixo se tornarão insuportáveis. E então - quem sabe? - chegará a hora em que tomaremos consciência da doidice do progresso - pois uma coisa que produz tanto lixo só pode ser doida! Iremos repreender, então, a sabedoria da vida pobre. Talvez a pobreza faça mais bem à vida que a riqueza...

*Escritor, teólogo.

Queremos mergulhar nos Evangelhos e contar "nossa" história com Jesus. Uma história que nos envolve, nos cativa e atinge em primeira pessoa singular ou plural: Eu, Nós, Comunidade.

O sonho de Jesus

VER O REINO DE DEUS ACONTECER

Justino Martinez R.

Caminhar pelas estradas do Reino

É um tempo difícil. João foi preso. Jesus o sabe e faz questão de ir para a Galiléia. Segundo alguns se retira, mas parece que se retira coisa nenhuma. Jesus, ungido pelo Espírito no Batismo, proclama com força: "O tempo cumpriu-se e o Reino de Deus está chegando. Mudem de vida e acreditem no Evangelho!" E começa a chamar pessoas, colaboradoras, para acompanhá-lo: Vinde em meu seguimento! (Mc: 1,14-20).

Vinde! - é o convite direto, e a resposta é imediata: deixam tudo para serem "pescadores" de gente! O Reino exige uma opção radical, urgente, forte...

Quem escuta e acolhe essa Boa Notícia começa a caminhar pelas estradas do Reino!

As parábolas são histórias de vida

Jesus, fundamentalmente, falou de uma coisa só: do Reino de

Deus! E para isso usou mil comparações e parábolas para se fazer entender.

Jesus começa dizendo: "A que podemos comparar o Reino de Deus?" Outras vezes começa assim: "O Reino de Deus é semelhante a" É o início de uma estória aparentemente ingênua, que leva no bojo muita provocação e surpresa.

Como os mestres da época, Jesus contou muitas parábolas. São histórias ou comparações que partem sempre da vida do povo. De situações concretas e que, às vezes, são indicadas no relato: O Reino de Deus é como uma mulher que bota fermento e faz mudar tudo. Ou como o semeador... Como um pai de família... que distribui a herança com o filho caçula. Ou como um pai que manda o filho maior trabalhar na vinha... Logo manda o filho caçula...

As parábolas de Jesus são histórias colhidas na vida do povo. Essas histórias apontam para a virada que o Reino de Deus inicia na sociedade e as atitudes necessárias para tomar parte Ne

São uma reviravolta dos costumes da sociedade: "Quem quer é o primeiro, seja o último". Todo mundo quer aparecer e Jesus diz: "Quem quer ocupar o último lugar. O maior, é o menor". "Na hora de convidar para a ceia, não convide os ricos, os amigos... convide por quem não tem nada: os pobres, os pequenos". Essas parábolas eram fogo no capim seco!

Até as crianças pegam na parábola. Quando vimos aquele dia de Jesus comendo a parábola dos dois filhos. Ele disse que ia trabalhar e não foi. Quando disse que não queria ir, logo mudou de idéia e foi? Quando cumpriu a vontade do pai? E quando as crianças, logo responderam que o pai era o segundo! O segundo!

Parábola: verdade com arte e humor

Vamos ver o profundo valor que encerram as parábolas com a antiga história contada pelos mestres: "Certa vez, a Verdade estava visitando os homens, sem roupas e sem adornos, tão nua quanto seu nome. Todos que a viam, a amavam e a amavam as costas, de medo ou vergonha. Ninguém lhe dava as costas. Assim, a Verdade saiu os confins da terra, humilhada e desprezada. Uma tarde, encontrou a Parábola que

estava alegremente num traje muito colorido. - Verdade, tu que estás tão triste e abatida? - Replicou a Parábola. - Porque sou feia e feia que as pessoas me olham. - Replicou a Verdade. - Que

disparate, riu a Parábola. Não é por isso que as pessoas te evitam. Toma, veste algumas de minhas roupas, e vê o que acontece.

Então, a Verdade revestiu-se com algumas das lindas vestes da Parábola, e de repente, por toda parte onde passava, era bem-vinda e acolhida".

Canteiro de parábolas

As parábolas dos Evangelhos são mais de oitenta! Difícil falar de todas elas. Aos poucos você vai encontrar e curtir essa palavra que liberta e faz cantar!

Apresentamos três canteiros.

No Evangelho de Marcos você encontra no capítulo 4. Em Mateus, no capítulo 13 encontramos nada menos que sete parábolas! Confira também no capítulo 25 e ainda aparecem outras espalhadas por cá e por lá. Em Lucas, encontramos várias parábolas no capítulo 13 e três lindas parábolas sobre o atuar surpreendente e misericordioso de Deus no capítulo 15. A partir daí você vai curtir esse método original de ensinar de Jesus para viver acordado e direcionado totalmente para o Reino de Deus e dos pobres!

As parábolas revelam o sonho de Jesus e o coração de Deus

As parábolas revelam o caráter dinâmico do Reino que Jesus anuncia. O Reino é uma realidade em ação. O Reino é algo que está se fazendo, a caminho. O

Reino é uma aventura na qual somos convidados a entrar. Os estudiosos da Bíblia afirmam que as Parábolas de Jesus representam um dos núcleos ou eixos mais importantes da tradição evangélica, pois, aí encontramos o conteúdo da tradição mais antiga que remonta até Jesus. As Parábolas são o jeito pessoal que Jesus de Nazaré usou para realizar sua missão de Revelador do Pai, de Evangelizador do Reino, e de Libertador dos Pobres.

Importante é saborear o texto e levar logo à prática: Ler, entender e viver! Essa é a aventura da leitura da Bíblia! Esse é objetivo direto do jeito evangelizador de Jesus. Ajudar a entender a lógica nova e libertadora do Reino de Deus e a viver conforme o projeto de Deus, segundo o sonho de Jesus. Não fique grudado/a só àquelas palavras

que não entendeu! Saliente o que você entendeu e gostou! Isso já é um presente de Deus e alegria do coração.

Algumas pessoas, ontem e ainda hoje, se perguntam por que Jesus falava em parábolas. E Jesus diz às claras: "Para vocês foi dado, Deus" (Mc 4,11; Mt 13,35). Deus quer revelar a vocês o seu coração. Esse é meu sonho também, conclui Jesus: "Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeu essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelastes aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi de teu agrado" (Lc 11,21). Esse é o presente que Jesus nos faz com as parábolas: revelar o coração do Pai!

*CEBI (Centro de Estudos Bíblicos)

Ninguém ceia sozinho.

Há um partir, um distribuir, mãos que se tocam, olhares que se encontram. E, em tudo isto, sensação como se fosse a de uma conspiração. Conspiração, palavra bonita de origens esquecidas.

Conspirar, com inspirar, respirar com alguém junto. Conspiradores: respiram o mesmo ar. Jesus e os discípulos comendo o pão e bebendo o vinho, respiram o mesmo ar: corpos ali, colados uns nos outros; e também o desejo e o amor-principalmente o seu desejo e o seu amor. Come-se a ceia, surge a mágica, os fios invisíveis da saudade e da esperança são lançados e, a partir dali, dão-se às mãos os homens e as mulheres que têm, nos olhos, aquela marca triste-alegre da saudade e da esperança. Como deve ser com qualquer que ame e esteja longe e nada tenha nas mãos a não ser a flor seca, o poema, as memórias, uma palavra...

É assim a comunidade dos cristãos, esta coisa que se chama igreja: juntos conspirando, mãos dadas, comem o pão, bebem o vinho e sentem uma saudade/esperança sem fim... (Rubens Alves, "Creio na Ressurreição do Corpo")

CHICO



O famoso cartunista Chico Caruso expressa com ironia e humor o que está acontecendo no mundo da intolerância. Seguimos atordoados e atemorizados pela torrente de atos que matam pessoas no mundo e assassinam a ética em nosso país.

Depois do terrível e injustificável atentado nos EUA, a fera ferida fere a ferro e fogo o país acusado de dar cobertura ao principal suspeito, que mesmo sem provas conhecidas, a política e a mídia nos fazem acreditar na suspeita como certeza provada. As imagens desse massacre protagonizado pela maior potência bélica e econômica sobre um dos mais pobres países do planeta estão desenvolvendo uma crescente indignação pelo mundo afora. Davi reage aos super mísseis e aviões de Golias com o estilingue das bactérias que já paralisaram até o Congresso dos EUA. Essa é uma escalada característica de toda ação bélica, pela mais que comprovada lei que reza: violência (sempre) gera violência".

COMPROMISSO DE CADA FAMÍLIA MEFECISTA

ENVIAR OU PRESENTEAR UMA ASSINATURA DE FATO E RAZÃO CADA ANO

ENVIAR O NOME E ENDEREÇO COMPLETO DO ASSINANTE.
SE FOR PRESENTE, O NOME E ENDEREÇO DE QUEM PRESENTEOU.
AGÊNCIA MFC - RUA GOIÁS 132 - CEP 20756-120 RIO DE JANEIRO - RJ
EMAIL: amorim@ibpinet.com.br A COBRANÇA SEGUIRÁ POR CORREIO

Um bem precioso - fundamental para a sobrevivência

ÁGUA

O Dia Mundial da Água foi comemorado sem destaque, revelando a falta de consciência sobre a sua importância capital para a vida, apesar de iniciativas para trazer o assunto à tona. Uma delas ocorreu no final do ano passado quando a Câmara dos Deputados promoveu em Brasília o seminário *O Encontro das Águas*, reunindo especialistas, políticos, professores, administradores e estudantes para exercitar uma reflexão sobre este bem fundamental à sobrevivência da Terra, que corre sérios riscos de se tornar presa fácil de uma lógica devastadora e neoliberal.

Além do consenso sobre a importância da água para a sobrevivência, ficou claro na ocasião que não podemos permitir que a água nossa de cada dia se transforme num elemento de manipulação política ou econômica.

Ricardo Petrella, coordenador do Pacto Internacional da Água, sociólogo e professor da Universidade de Louvain na Bélgica, afirma que a água será elemento raro nas próximas décadas e portanto motivo de disputa e guerra entre países. Em outras palavras, a água vai se transformar em mais um item a ser negociado nas Bolsas de Valores, como já são o petróleo, as telecomunicações etc. Precisamos

impedir que isso aconteça. A água é um elemento vital à vida e não um mero bem econômico. O motivo é simples. O governo enviou ao Congresso projeto definindo diretrizes para o saneamento básico, englobando desde a captação e fornecimento de água até o tratamento final dos esgotos. O problema é que o projeto, submetendo-se também às exigências do FMI, abre as comportas para a privatização do setor, transformando-a num produto qualquer de consumo, sem a necessária responsabilidade do Estado.

A palavra-chave não deve ser lucro, e sim preservação, para que ela se mantenha com um bem acessível a todos. Importa lembrar que apesar de o Brasil contar com a maior reserva de água doce do mundo não se deve concluir que nossas fontes são inesgotáveis, ou que o problema da falta de água é assunto para o Oriente Médio.

Qualquer debate deve começar reconhecendo as diferenças regionais. É verdade que temos água de sobra no Amazonas, mas o que fazer com a seca que maltrata o Nordeste? E as principais capitais que vivem sob racionamento constante e tem que captar água em sítios distantes.

Paulo Roberto

realizados a mais de 100 metros como é o caso de São Paulo? E a morte dos principais rios ameaçados pelo lixo urbano, pelo esgoto oriundo dos garimpos, desmatamento das lavouras ou pelo desmatamento causado pela exploração das matas? A

resposta, portanto, é tomar consciência da situação. Água de qualidade é um produto cada vez mais raro, o que pode ser resultado pela poluição que assola rios e lagoas, sem contar as encantadoras ameaçadas pela exploração indiscriminada.

ALCOOL E DROGAS: EM CASO DE NECESSIDADE, BUSQUE AJUDA TENTATIVA DOS GRUPOS ANÔNIMOS NA INTERNET

AL-ANON: A ajuda dos familiares do alcoólico

--- <http://www.al-anon.org.br>

DEPRESSÃO: A ajuda dos neuróticos anônimos

--- <http://www.neuroticosanonimos.org.br>

ÁLCOOL: A ajuda dos alcoólicos anônimos

--- <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>

DROGAS: A ajuda dos narcóticos anônimos

--- <http://www.na.org.br>

Philip Morris faz o povo de bobo.

um relatório encomendado a especialistas esse gigante mundial dos cigarros afirma que o vício do fumo traz bons lucros para os governos. Com dados objetivos demonstra que os fumantes morrem em média três anos antes, o que permite ao governo economizar nas aposentadorias, ao mesmo tempo em que a morte prematura de muitos fumantes abre postos de trabalho, reduzindo o desemprego. Só a República Checa a Philip Morris calcula que o governo economizou 30 milhões de dólares em 1999, só em aposentadorias por morte antecipada de fumantes. Esse humor negro ou sarcasmo mas é um relatório oficial publicado pela empresa. Esse estudo agora publicado, a empresa quer anular a tentativa de processos contra o governo por prejuízos à saúde pública. E você... continua freguês da Philip Morris?

Contamos com uma natureza exuberante que nos deu muita água mas precisamos tomar medidas tendo em vista o bem-estar das próximas gerações. A água nos garante a lavoura, o gado, as aves, as árvores, a energia elétrica, a pesca, o lazer... a vida.

*Deputado Federal

Como temos vivido a nossa dignidade e significado nossos irmãos?

Viver com dignidade

Muitas pessoas não saberiam definir precisamente o que é dignidade humana. Até mesmo se atrapalhariam com as palavras. Mas percebem com seus sentimentos quando essa dignidade foi ferida. Intuitivamente sabem quando nesse ou naquele ato o valor do ser humano foi ou está sendo espezinhado.

A caloradas discussões acerca da *dignidade* ocorrem com todos os homens, intelectuais ou não, até mesmo em fóruns internacionais e nacionais, porém sem se porem de acordo sobre o que este termo significa. Fala-se muito de "dignidade", mais pela sonoridade da palavra que pelo seu conteúdo, que parece envolto pela névoa do subjetivismo; assim seu significado acaba se perdendo, tanto nos dicionários como na vida prática.

Dignidade é o sentimento de respeito a si mesmo e aos outros, pelo reconhecimento de que toda criatura humana possui características que a elevam acima dos outros seres existentes no mundo, cabendo-lhe um destino sobrenatural e eterno.

O mais pobre, degradado e viciado de todos os homens ainda é,

72

em si mesmo, objeto de respeito por parte dos outros homens. Sua indignidade como indivíduo não lhe tira a dignidade de ser humano.

Creamos como cristãos e católicos que, a dignidade da pessoa humana é dom de Deus. Esse dom é incondicional e permanente, desde a concepção até a morte natural, porque Deus não retira o dom concedido. Por isso, o respeito incondicional da dignidade de todos é uma exigência do princípio da dignidade básica, que estabelece outras condições além daquela de se tratar de um ser humano - para que a pessoa mereça um tratamento digno.

Colocar-se no lugar do outro é um exercício muito eficaz para descobrirmos a existência e a prática da humilhação, da agressão à dignidade e do aviltamento da pessoa humana. "Vida humana não tem preço!" - todos já ouvimos isso alguma vez. No entanto, com que facilidade se descarta o "custo humano" de algum projeto, produto, atividade, quando estão em jogo outros interesses!... E aí começamos a ter hierarquias de vidas: as mais preciosas, as mais úteis, as mais merecedoras de respeito, as "inferiores", as mais descartáveis... Dignidade humana é algo que toda pessoa tem pelo simples fato de ser humana, não é algo que podemos "dar" ou não dar a alguém. No máximo podemos

conhecer ou não a dignidade humana do outro, mas ela existe sempre e não depende do nosso querer a respeito.

Muitas vezes temos o sentimento de que a discriminação humana se faz presente no contato com pessoas idosas, outras vezes com jovens, solteiros, viúvas, pessoas de outra raça ou

nacionalidade, etc. É preciso afastar

esses sentimentos vivendo os verdadeiros valores da própria pessoa, como se estivéssemos valorizando nossa própria

dignidade. Não entra aí nenhum

outro tipo de merecimento: não

é de situação social, de

idade física, de raça, cor da

pele, sexo, religião, esforço moral...

Qualquer tipo de exclusão viola o

princípio da dignidade básica,

que estabelece outras condições

além daquela de se tratar de um

ser humano - para que a pessoa

mereça" um tratamento digno.

Todo agressor à dignidade

humana que não respeita o outro,

seja quem for, se corrompe

mentalmente. E a sociedade que

permite, incentiva ou assiste

à dignidade e se torna

mesquinha e sujeita à

manipulação de quem detém o

poder.

Os responsáveis pelas

causas de injustiça e toda forma

de exploração

de pessoas? Como reagimos?

De que forma se percebe em nossa cidade tratamentos diferenciados a

pessoas conforme sua condição social, raça, religião? O pobre é tratado

como o rico?

Como o cristão se coloca diante das discriminações visíveis ou

desfarcadas? Lembramos de textos evangélicos sobre o assunto?

de desrespeito à dignidade da pessoa ferem mais sua própria dignidade do que a daqueles a quem maltratam e excluem. Como cada um de nós, ao menos em algum momento, desrespeita a dignidade do outro, todos negamos, em certa medida, nossa própria dignidade e ferimos o projeto de Deus, que nos quer felizes.

O comportamento é que determina nossa imagem, somos como um espelho que revela se somos felizes ou não.

Quando se tem fé, amor dentro de si e se vive este amor, o espelho revela um ser mais tranquilo, que não busca para si o que é dos outros, mas que oferece de si o que de bom já viveu e simplesmente vive: na sua família, na sua profissão e na vida cristã.

Estes itens não separam. Eles o revelam! Não podem se contradizer! São o presente maior que Deus nos deu! Somos únicos e muitíssimo abençoados! É uma graça, porque Deus está conosco. Procurando nossos semelhantes para enaltecer essa graça, com muita satisfação encontraremos Deus em nosso próximo.

* Ministro Extraordinário da Comunhão Eucarística na Paróquia de Santa Margarida Maria - Rio de Janeiro-RJ

Dinâmicas de grupo

Maria Sílvia Cruz

Esta seção iniciada no número anterior oferece exemplos de dinâmicas, jogos e técnicas de sensibilização para permitir-nos aprender e crescer, buscar modificações, melhorar o desempenho pessoal e profissional. As relações interpessoais e grupais podem ser melhoradas através dessas dinâmicas.

A expectativa é "contribuir para a formação de uma nova geração", pois como pais, educadores e promotores de encontros de noivos, casais e famílias, com novas ferramentas, metodologias e técnicas de animação de grupos seremos capazes de desenvolver um conjunto de competências pessoais e sociais, para melhor responder e enfrentar as exigências do nosso mundo.

"O trabalho com dinâmicas e vivências estimula a reflexão e a revisão de valores, atitudes, comportamentos, levando-nos a descobrir novas formas de ser e conviver".

4

DESAFIO DA GARRAFA

Objetivo: conscientizar grupos de trabalho para a resolução de problemas em equipe, pela cooperação, planejamento, liderança, sinergia.

Material: uma garrafa grande de refrigerante, barbante, uma caneta ou pêndulo.

Local: sala livre de cadeiras que permita o grupo circular livremente.

DESENVOLVIMENTO

- ❖ Participantes em pé, em círculo
- ❖ Informar ao grupo que será apresentado um problema a ser resolvido e quem descumprir as instruções será cortado do grupo
- ❖ Fornecer um pedaço de barbante de metro e meio a cada pessoa que deverá amarrar uma das pontas na cintura
- ❖ As pontas livres os barbantes de todos os participantes são unidas num nó, no qual o facilitador pendura uma caneta

- ❖ Alguns dos participantes terão os olhos vendados
- ❖ Uma garrafa é colocada no chão, no centro do círculo
- ❖ O problema será o grupo colocar a caneta no gargalo da garrafa, cumprindo algumas regras:
 - As pessoas com olhos vendados poderão falar
 - As outras pessoas não falam e só se comunicam por gestos
 - Ninguém pode tocar nos barbantes com as mãos
 - Não podem deixar afrouxar os barbantes.

Depois de algum tempo e muitas tentativas, tendo conseguido ou não colocar a caneta no gargalo, o grupo interrompe para analisar o seu comportamento e apontar as causas do êxito ou fracasso. Se fracassaram, tentar novamente, depois da avaliação.

5

NOVOS BICHOS

Objetivo: Integração do grupo, criatividade, comunicação, controle, inovação.

DESENVOLVIMENTO

- ❖ Fixar nas costas de cada participante uma etiqueta adesiva com o nome de um bicho
- ❖ Circulando no grupo, cada um irá fazendo perguntas aos demais sobre o bicho da etiqueta em suas costas, somente uma pergunta para cada colega
- ❖ O colega só pode dar uma das seguintes respostas: SIM, NÃO, NÃO SEI, PODE SER

Trocadas as respostas entre as duplas sucessivas, se descoberto o nome do bicho, a etiqueta é descolada das costas e colada no peito. Conversar depois sobre como foi possível adivinhar o nome do bicho, com respostas tão limitadas às nossas perguntas.

Leitor está convidado a colaborar com esta seção, enviando por carta ou e-mail as dinâmicas de grupo mais criativas que costuma usar, informando o objetivo e a que situações se aplicam.

Redação de Fato e Razão
R. Des. Saul de Gusmão, 80 / VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ
e-mail: amorim@ibpinet.com.br

Quem é o maior entre nós?

A guerra dos órgãos

Conta-se por aí que certa vez os órgãos do corpo humano entraram em guerra. Era o fígado brigando com o estômago, o coração brigando com o pulmão, o pâncreas querendo "sair no tapa" com os rins...

Tudo começou quando eles resolveram eleger quem era o mais importante, o órgão rei, o comandante dos demais.

Os olhos não aceitavam perder. Alegavam que eram não somente os mais lindos mas também os mais úteis. Afinal de contas, sem eles todo o corpo ficaria às escuras e sem a menor direção. Eram eles os guias, a porta para o mundo, para as luzes e cores; enfim, toda a beleza do mundo chegava ao corpo humano através deles. Assim, do ponto de vista defendido por eles, nada mais certo do que lhes entregar o governo.

O cérebro, porém, indagava com veemência: "Ora, quem é, por acaso, que interpreta todas as imagens trazidas pelos olhos e cria para o resto do corpo as emoções, os instintos e todos os sentimentos e reações? Sou eu! Logo, sou também o órgão mais importante do corpo!", dizia com empáfia.

A boca, para variar, não aceitava ficar calada. Alegava que

de nada valia a visão dos olhos e a coordenação do cérebro se ela não realizasse a sua tarefa: provar, mastigar e ingerir os alimentos. "Imagine que inutilidade", dizia a boca. Os olhos vêem o mais nutritivo e saboroso dos alimentos, o cérebro traz ao corpo o desejo, mas de nada adianta tudo isso se eu não estiver lá para comer toda a comida ora bolas!", gritava a boca, já demonstrando um certo descontrole.

O intestino pediu a palavra, mas os outros órgãos fizeram um coro unânime: "Fica quieto aí, ó malandro, que o papo aqui é beleza e inteligência! O teu negócio é mais embaixo!", gritou um dos órgãos, já começando a baixar o nível do debate.

As mãos aproveitaram que o assunto foi interrompido e iniciaram uma discussão pessoal com os olhos e a boca: "Quem é que segue e leva a comida até você, ó boca? Quem é que limpa vocês, olhos? Ora, francamente! Sem meu trabalho, vocês estão perdidos!", disseram as mãos em tom vitorioso.

A confusão era total! As pernas pulavam; as mãos gesticulavam, já se preparando para "sair no tapa" com alguém; os olhos piscavam sem parar e a boca gritava. Tudo ao mesmo tempo e

com um "puxando a brasa para a sardinha. Vocês podem imaginar o

Foi então que o intestino, cansado daquela balbúrdia toda e vendo que não ia mesmo ter direito a menor atenção, berrou lá debaixo: "Quanto durar esta palhaçada, estou de greve! Vocês estão

quando bem. Estou de greve! Não preciso mais!", e deu sua

expulsão por encerrada naquela confusão toda.

Na hora, ninguém "deu a

mais, com o passar do tempo, a situação começou a ficar muito difícil para todo o corpo.

A greve do intestino provocou uma prisão de ventre infernal! Os olhos já não enxergavam

mais; estavam até vesgos. As pernas perderam as forças

para andar e as mãos estavam tremendo e suando frio.

O cérebro já não conseguia pensar em outra coisa; a boca

trava; o estômago doía e o nariz

respirava devagarinho!

"Funciona, intestino, por favor! Quebra o nosso galho!",

gritavam todos. "A galera já não suporta mais!", gritou alguém. A

é assim que nos sentimos como Igreja, Povo de Deus?

O autoritarismo está superado ou ainda tenta se impor na vida da

Igreja?

Como atuam os laicos (leigos) na Igreja ou como Igreja?

Participam de decisões? Em que nível?

humildade era total! Nem pareciam mais aqueles órgãos nervosos e briguentos, querendo se impor como sendo os maiores de todo o corpo.

"Ah... Vocês agora lembraram que eu existo, não é?", disse o intestino, como se já esperasse pelo acontecido. "Vivi sempre aqui embaixo; não tenho a beleza dos olhos nem a força das mãos, mas sou igualmente parte do corpo e tão importante quanto qualquer um de vocês! Vamos aprender de uma vez: Entre nós não há nem nunca haverá rei. Precisamos todos uns dos outros e, se não nos ajudarmos, todos morreremos!", discursou ele, encerrando de uma vez por todas aquela guerra tão sem sentido quanto qualquer outra guerra.

A Igreja é semelhante ao corpo: cada um de nós, membros desse corpo, bem ajustados e ligados pelo auxílio de todas as juntas, crescemos edificados no amor. Não existe membro rei ou rainha; cada um exerce no corpo a sua função que lhe foi designada pelo Senhor da vida, sem vaidade ou orgulho. E que ninguém pense que há menores e maiores entre nós!

Notícias da guerra

Incluído pelo FBI o cálculo do custo do atentado para os terroristas que incendiaram as torres, incluído o treinamento dos agentes: 120 mil dólares. Sua ofensiva está sendo planejada pela Quadrilátero (antigo Pentágono).

A ONU proclamou 2001 - o Ano Internacional do Voluntariado

O gosto de trabalhar de graça

Marcelo Barros

No Brasil, país de desemprego e remuneração injusta do trabalho da maioria, o serviço voluntário é pouco conhecido e valorizado. Entretanto, muitas importantes obras sociais dependem de pessoas que optam por trabalhar de graça para ajudar a quem precisa. Para alcançarmos uma sociedade mais justa e solidária, será fundamental uma cultura do voluntariado.

"O Popular", jornal de Goiânia, dedicou quase uma página inteira ao assunto. Destacou uma menina de 9 anos, Marcela Leão Domiciano, que presta serviço de voluntária: conta histórias infantis para crianças, pacientes de câncer, no Hospital Araújo Jorge, em Goiânia. O jornal destaca ainda que, em número de pessoas e organizações voluntárias, Goiás ocupa o 11º lugar entre os estados brasileiros.

A resolução aprovada pela Assembléia Geral da ONU reconhece a necessidade da atuação de voluntários, maior do que nunca, neste mundo no qual se agravam a degradação do meio

ambiente, a epidemia de doenças provocadas pela fome, falta de higiene e o aumento da miséria em diversos países. Graças a Deus, ainda há muita gente que percebe sua responsabilidade de cidadã, principalmente em uma sociedade na qual o governo abdica escandalosamente de suas funções sociais. Por isso, a ONU dedica este ano ao voluntariado. A meta é fazer com que um maior número de pessoas, principalmente jovens, descubra a vocação da solidariedade.

No Brasil, as atividades do Ano do Voluntário serão coordenadas por uma comissão, presidida por Milú Vilela, presidente do Centro de Voluntariado de São Paulo. Entre os membros desta comissão, estão representantes de entidades como a Pastoral da Criança, SOS Mata Atlântica, Grupo pela Vida e alguns projetos mantidos por empresas particulares e organismos governamentais. Esta comissão quer identificar melhor quantas são e qual o perfil das pessoas voluntárias no Brasil e, principalmente, conscientizar a

população sobre o importante papel do trabalho voluntário nas iniciativas de superação da exclusão social.

No Brasil e em vários países, grupos de voluntários lembram a figura de Dom Hélder Câmara que faleceu no 07 de fevereiro de 1909. Em seus 90 anos de vida, ele sempre incentivou a participação de cristãos e não cristãos em trabalhos sociais. Organizou entidades com uma pequena equipe profissional e

o generoso serviço de pessoas voluntárias. Assim, no Rio de Janeiro, surgiram o Banco da Misericórdia, a Cruzada São Sebastião e, no Recife, a Operação Esperança, a Ação Justiça e Paz e as Obras do Frei Francisco. Ele se dedicava a articular as pessoas que, em quaisquer lugares do mundo, se envolvessem com a vocação de voluntários para dedicar a vida ao serviço dos outros. Na Bíblia, o sacerdote Abraão é a figura de

todos que, embora frágeis e estéreis, se sentem chamados a construir uma nova história. Apesar de muito idoso, Abraão partiu sem saber para onde Deus o conduzia. Por isso, Dom Hélder dizia: "Acredito nestas minorias capazes de compreender e viver o caminho da solidariedade, da justiça e da paz. Chamo-as 'minorias abraâmicas' porque, como Abraão, esperamos contra toda esperança".

No seu livro "Mil razões para viver", confessa: "Se eu pudesse, dava um globo terrestre a cada criança. Se possível, um globo luminoso, na esperança de alargar, ao máximo, a visão infantil e de ir despertando interesse e amor por todos os povos, todas as raças, todas as línguas e todas as religiões!"

*Monge beneditino, autor de 24 livros, entre os quais, "A Festa do Pastor", romance sobre Pentecostalismo.

Como está acontecendo em nossa cidade o Ano Internacional do Voluntariado? Quais os trabalhos voluntários mais importantes? Até que ponto aderimos a esse desafio mundial? O que podemos fazer individualmente e como grupo para ampliar o voluntariado na nossa cidade? Quais são as maiores carências a atender?

Leia, assine, dê de presente

fato
e razão

Seu nome e endereço à Agência MFC - Rua Goiás, 132 - CEP 20756-120 Rio de Janeiro - RJ. A cobrança da assinatura anual chegará com o primeiro número da revista.

Eu creio

*Eu creio no INDIVÍDUO
repleto de limitações,
mas com desejo de infinito ...*

*Eu creio na FAMÍLIA
como espaço privilegiado
de fermentação
de uma sociedade saudável.*

*Eu creio na SOCIEDADE
como ecossistema complexo e dinâmico
em busca de uma ordem equilibrada.*

*Eu creio na POLÍTICA
como fórum legítimo
para o exercício da representatividade e garantia
dos direitos e dos deveres de interesse coletivo.*

*Eu creio na CIÊNCIA
como instrumento inteligente de encontro com o conhecimento
e de promoção da evolução bio-psico-social da espécie humana.*

*Eu creio na ARTE
como expressão perceptível
da subjetividade do sentimento humano.*

*Eu creio na FÉ CRISTÃ
como filosofia de vida capaz de humanizar as relações,
de promover a paz e a justiça social
e o relacionamento do ser humano com sua transcendentalidade.*

*Eu creio em PARADIGMAS
que sejam resultantes da construção de verdades coletivas
e que não sejam absolutos nem eternos,
mas que sejam históricos.*

*Eu creio em DEUS.
presente no indivíduo, na família, na sociedade,
que se manifesta nas ações éticas da política e da ciência
e que mostra a sua face na arte e na fé.*

*Eu creio que existam coisas desconhecidas,
creio na busca permanente por novas verdades,
mas tudo isto na perspectiva do "amai-vos uns aos outros..."*

Lúcio Henrique de Oliveira

Seja mais um agente de vendas de **fato** e razão

Peça instruções sobre condições e comissões.
Agência MFC de Promoção de Vendas

Acaba de ser lançado o **Índice de Matérias**

fato
e razão

Classificadas por assuntos todas as matérias publicadas nos 46 fascículos anteriores da Coleção Fato e Razão. Facilita a busca de artigos e textos para preparar seminários, encontros, palestras, reuniões... indicando o número e a página da matéria desejada.

Pedidos à Agência MFC de Promoção de Vendas.

Campanha de Vendas de Assinaturas de

fato
e razão

Um compromisso dos mefecistas de todo o Brasil

Cada família é convocada a vender ou presentear uma assinatura por ano, fora do MFC: para parentes, amigos, vizinhos, colegas, clientes, professores, alunos, paroquianos... Basta enviar nome e endereço completo à

Agência MFC de Promoção de Vendas

com cheque cruzado nominal ao MFC

6 números - 24 reais, ou 4 números - 16 reais (Preços válidos ano 2001)

Agência MFC de Promoção de Vendas MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

Correspondência

Rua Des. Saul de Gusmão, 80 / VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ
e-mail: amorim@ibpinet.com.br